

-TranSis-

An Obvious Story

Preface

I remember some *Pasachalla's* of my own and project my spirit to another location, rather than virtual space, to a territorial domain once made possible by my imagination. I do not had the habit of being rescued for some fictional instance, most of the time I had and fabricated a kind of mutual respect to others, a kind of grounded security. I knew obviously that New York is no novelty for the citizens of my own country, but for me, with my biographical voyage, it was for sure, in many different aspects and reasons. Anyway, maybe I could tell something to someone, my intention was not teach on NY, to get some kind of missionary-ridiculous paper of the art, I had a clear notion of all the problems of technological modern and postmodern society. I had a need for get in transit, more than in transe, or transis, and for that NYC would be perfect, I think, for I can get that there's a strong feeling of competitiveness on that "context" and I kind of had a funny feeling about that. Like a System in Transit, transition, transitory governance...

1

Andava de um lado para o outro, da sala para o pequeno escritório, pensando em mim, no que podia ainda fazer, pensando nos outros, no que me podiam ainda de mal ou bem-fazer. Passaram-se vários dias desde que Doroteia tinha saído da casa, tinha estado em casa dos meus pais, na Casita do Jardim, viera de novo para Lisboa. Sim, estava louco, mas não estava de modo algum só. As sirenes da polícia e da ambulância faziam-se sentir ecoando por entre os prédios. Estava frio em casa, liguei o aquecedor da sala, estaria aqui pelo menos até à minha irmã vir. Tinha muita coisa para dizer, e não conseguia fazê-lo como dantes, de modo que me fui deitar, pelo meio da tarde, para arrumar as ideias. Numa visão pessimista, podemos dizer que as pessoas, certas pessoas, desistiram umas das outras, mas creio que em termos meramente existencialistas, talvez tenham desistido delas mesmas, ou seja, talvez pensem que não vale a pena lutar e todas, de uma maneira ou de outra, se acham dignas de nota, de opinião. Isto tem muito a ver com um hábito antigo: a maioria das pessoas não tem intenção de se auto-aperfeiçoar, nem aprender consigo e com os outros, com os erros, por vezes grandes demais para suportar e eu creio que tal se deve a uma cultura consumista que vem alastrando por todo o mundo, inclusive a Europa e dá à generalidade das pessoas um poder, simbólico ou talvez efectivo, maior do que aquele que as gerações anteriores conseguiriam ter.

2

Pois eu julgo que a felicidade do homem está precisamente no prazer e no hábito de pensar, essencialmente livre, porque quem te dá uma ordem, seja o Estado seja a Igreja, não quer que tu penses e questiones. O verdadeiro poder e descoberta de si mesmo e dos outros está precisamente no acto de pensar e há por aí muitos como eu, julgo que acerto em cheio. O mundo dividia-se, naquele tempo entre os bem-pensantes, eunucos ou devassos, sendo que a maior parte dos habitantes queria agarrar-se a cargos, denominados "tachos" com quem se agarra a uma mulher que foge. O meu espírito estava frágil, eivado no vento da circunstância e a banalidade das coisas e das pessoas mantinha-me vivo. De certo modo, estava em trânsito também eu, sob símbolos e sinais que circulam nas mentes ambulantes, era na verdade um *pensarilho*, muito mais do que um andarilho, procurava escrever qualquer coisa em inglês, mas não me sentia sempre bem. Percebi, tarde ou cedo, que teria de ir a Nova Iorque defender o meu povo, que me tinha dado pouco ou nada, mas ainda, mesmo assim, teria de lá ir, onde morava o poder para poder escarafunchar nas suas feridas e de alguma maneira dar conta de algo, ou seja, ainda que não fosse de todo antropólogo (para alguns meus ex-professores) nem definitivamente filósofo (para ex-professores e ex-colegas), iria mesmo assim defendê-lo, de alguma maneira e, nomeadamente enquanto especialista em antropológica filosófica, tendo feito trabalho de campo em três locais distintos em território português, e enquanto filósofo, tendencialmente filósofo, terreno que eu sabia ser bastante frágil para mim, perigoso, cheio de

imprevisibilidades, ou seja, eu não teria desde o início me afirmado como filósofo não só porque tinha falta de afecto, mas também porque procurava escapar ao voo incerto da filosofia pela busca de assegurar em mim (e nos outros, dos outros, um *common ground*, um terreno que se pisa diariamente até ao final da jornada. Eu, aqui, ganhava imensa resistência às críticas, onde quer que fosse, sabia que lá iria ser mais ou menos assim, para pior, mas por outro lado podia ser para melhor, não só em termos de afirmação e compensação, mas também em termos de vivência do que era em termos identitários e societários, em termos emocionais, sobretudo. Tinha perdido palavras inspiracionais, mas tinha ganho bastante, envelhecia, qualquer coisa dizia-me sempre um montão de coisas, evitara muitas drogas e medicação à custa de abstinência sexual que me fazia sofrer muito mas roía as gajas e os meus adversários de inveja, de pensarem que eu afinal não era o que eles tinha percebido, os terrenos residuais para onde me haviam jogados a mim e à minha família, na lama, no ardor do sofrimento e esquecimento enquanto "eles", os meus inimigos, não faziam nada de jeito. A figura da morte, ausência ou presença de vida, não sei, assaltava-me constantemente e via os outros essencialmente em função disso. Lisboa, por outro lado, não só eu, observe-se, tinha mudado, tinha-se tornado acentuadamente mais russa e mais americana, ao mesmo tempo, mais brasileira. Não me metia facilmente com mulheres, embora desejasse ao ponto de entrar em depressão e culpabilização, de mim e dos outros, porque de certo modo me estava a guardar, estava tentando ver até que ponto podia aguentar e os meus inimigos também, mesmo sem os ver, ainda que estivessem alguns na minha cabeça. Isso seria ser "mais que americano", o modo em que eu, perdendo o controle, o deslargava, enquanto o ganhando o deslargava logo, de modo a testar-me, ainda que evitasse

imprimir tal ritmo aos outros...Os mais novos acusavam-me de **logo**, quando eu era na verdade e mais acentuadamente, um **sofos**...esqueciam-se que, vendo a minha obra e a minha biografia, eu evoluíra de um estado de crença (onde me podia ter comodamente mantido toda a vida) para um estado de **scientia**, o logos interessava-me sem dúvida, na medida em que o sinal-facto de querer fazer sentido acerca de tudo era o busílis da minha condição existencial, psíquica e fisiológica, para não dizer filosófica. Mas os jovens, na sua maior parte, estavam colados ao mundo, ao mundo da rua e dos interesses, dos pequenos bares e *endroits* e admitiam, a si e ao seu grupo de amigos, que se podia fazer tudo, desde que legalmente aceite, desde que socialmente aceite, ou não fazia isso mesmo sem lei nem aceitação por parte dos outros. Isso desenhava um quadro de irresponsabilidade bastante assustador, pois levava-me a pensar no tipo de gestores, políticos, advogados, etc, que a nossa praça promovia, mantinha e alimentava...Mas não estava para aí muito virado, conhecera um ou duas pessoas com quem podia abrir-me, realmente falar sobre mim mesmo e, tal como Danny, era um teórico social, um cientista social, mas detinha e procurava manter o meu quadro existencial e literário...sabia que podia ter sido um grande escritor, mas detestava de festas, gostava mais da intriga amorosa um-a-um em vez das merdas dos grupos, do deslargo dos protestantes americanos...enquanto isso, sofria, não só por ser católico, mas talvez porque a minha ambição desmedida me conduzia a lugares metafísicos para os quais não estava, por falta de **in-formação**, absolutamente preparada (talvez porque não o quisesse em absoluto e fosse, de certa maneira, um homem mais politicamente prático, ainda que pouco "professoral"). Mas, por outro lado, a minha experiência conventual e seminarística ajudava-me bastante. O que a religião (institucional) me havia dado fora uma capacidade de

resistir às tentações do suicídio, do homicídio, nisso a religião era particularmente acintosa, precisa e, digamos, radicalmente útil. Seria, talvez o melhor cientista social naquele momento, mas ainda não estava ligado a instituição alguma, nem havia sequer discutido a tese. Namorada, talvez já tivesse arranjado e talvez estivesse mesmo cansado da lengalenga delas... Já Lobo Antunes dissera que a escrita é uma espécie de danação, como se o autor fosse um bruxo que a se entrega a uma tarefa de descodificação abstrusa do real, sem grande mérito sem ser a admiração dos outros, uma espécie Cristo-lógica que é, em certo sentido, um boi sacrificial para os mais variados "males" da sociedade que habita. Muitos tentam o suicídio, muitos fazem-se de fortes sendo fracos, muitos entregam-se a putas tristes que nunca mais acabam, porque se assustam diante de um homem íntegro e com princípios, muitos erigem o seu conhecimento da sociedade e do seu povo a argumento, seja ele filosófico, químico ou social, para se armarem enquanto defensores de um ponto de vista e estar agarrados a isso durante toda a vida. Muitos dedicam-se à arte, às artes, as mais variadas e preferem a via da sobrevivência, a observância dos sentidos e do que faz sentido, mesmo na cidade: a recusa da complexidade e a aceitação de uma vida simples com mais ou menos ratice, defendendo com mais ou menos afã e animalidade o seu quinhão de saber, o seu pequeno território.

3

Quando lá chegasse, teria perdido um mundo, seria o início da conquista de um novo mundo.. Contudo, nem tudo se havia perdido, naquele dia custou-me bastante "arrancar" de manhã, mas lá conseguia endireitar-me e prosseguir...Nesta casa, ninguém entrara por amor, a não ser eu mesmo e a minha família, isto poderia atestar não só a inveja, a discriminação, ou até o respeito por parte dos meus conterrâneos, mas quanto mais difícil se parecia encontrar o meu destino, mais eu lutava e o facto de ter perdido muita energia e recebido bastantes golpes, não me demovia, não me fazia sentar sobre mim mesmo, sentir agradecido de alguma coisa, lutava mais e mais, cada vez mais e mais, sem perder, sem ganhar, sem interesse e sem ganho, sem perda, enfrentando o jogo social, calando umas vezes e vociferando absolutamente outras. Estava cheios de lengalengas que não levava a lugar algum, os meus pés já não pisavam a calçada portuguesa de Lisboa, eu voava mais algo, com um pássaro na mão, uma pomba, para uma terra que havia banido os pombos há séculos. Que lá eu encontraria que não me admirasse, que não me satisfizesse, que não me fizesse chorar, ou rir? Não estava especialmente apreensivo, porque a minha empresa não era de todo monetária, era fatalmente intelectual, com uma forte mensagem de mudança que resultava da observação do *american way of life*...ainda assim, era, por fim e apenas, como o é em todo o lado, uma questão de dinheiro. Ou seja, eu não estava disposto a entrar ou tentar perceber imagética, com ou sem raiz filosófico-existencial, apenas e tão-somente a minha missão era fazer ver e vingar um texto,

fosse em inglês, fosse em português...e volta, ou fica, nada mais, porque as pessoas ou se esforçam ou não, em diversos momentos, mas há um cansaço e uma gestão da coisa e das ideias (e ideais) mesmo no cansaço da coisa. Não estava disposto a aceitar mais tretas de professores ou orientadores, fosse de cá, fosse de lá, merecia antes que fossem meus colegas e estranhava não haver, naquela universidade, a figura do doutorando auto-proposto, que havia por cá, o que me levava a pensar nas desvirtualidades do ensino superior português e americano, este feudalizava o saber ao mesmo tempo em que o apresentava como universal, de acordo com o imperialismo em questão e observância...Para mim, ser professor ou outra coisa, era apenas uma brincadeira, uma brincadeira de bom gosto, que eu pregava, como no recreio de uma escola, aos meus inimigos. Sabia que iria encontrá-los, mais cedo ou mais tarde e sabia que me estava preparar para essas lutas, verbais ou físicas, telecomunicacionais, telemática, não tinha medo, não alimentava a ideia do medo, apenas de um certo sentido de justiça sobre mim mesmo e os meus...sobre os meus amigos e sobre aqueles que, afinal, não sendo muitos, me tinham dado a mão, fosse na cama de um hospital psiquiátrico, sob injeção de Haldol (que congela o pensamento, o pensar, as capacidades racionais), fosse numa corrida em que dávamos o máximo, fosse na entrada de uma cantina universitária, fosse na lama em que me haviam jogado, donde já saíra mais forte dentro de um certo tempo. Talvez não quisesse isto, talvez quisesse muito mais, um cargo político, de consultor, talvez as oportunidades estivesse passando por mim naqueles dias, mas o meu *common-ground state* ajudava-me a não ser por demais ambicioso, como outro e a ter em conta que não é preciso sofrer para ter miúdas, nem tão pouco ser o melhor. Mas, neste mundo, quem pode dizer que é o melhor? Cristiano Ronaldo?

Boaventura Sousa-Santos? Pélé, Madonna, tantos outros...só porque têm assistência e promoção mediática aos eu trabalho? Esse trabalho é, ou não é, em certo sentido, também técnico...

Por outro lado, esta não é uma história de auto-afirmação, de auto-justificação de seja o que for, apenas um registo de dados, especulação, histórias e estórias numa só, para ver até onde "eles" poderiam ir, ter ido, comigo ou sem mim, ou seja, muito complicado é o meu caminho e o facto de um antropólogo não ter tido solidariedade de seu grupo. Apenas para se tornar o melhor? Estranho peso, estranha sociedade esta que faz dos seus heróis uns escagarrinhas, apenas virados para a satisfação da libido (grupal ou individual) como fuga a uma falta mais ou menos incerta de competência... Solidariedade? Se a tivesse havido, se algum dia houverá, teria sido já Reitor de uma ou duas universidades, passariam por mim mil teses por ano..mas prefiro trabalhar sossegadamente nos meus ateliers, mesmo que pouca gente os visite, porque, de certa maneira, disto e daquilo, eu já vi tudo e continuo a ver muita coisa mais neste circo social em que o individualismo não joga no sentido grupal, pois o indivíduo, por cá como em Nova Iorque, apenas importa na medida em que consigo provar e comprovar a minha individualidade, por isso não disfarço a minha coragem em grupos (de mais ou menos interesse) e tudo o que consigo é árduo mas infinitamente bem mais válido do que o que conseguem outros por meio de si mesmo e de grupos mais ou menos ocasionais...seja...sim, podia dedicar-me à pintura, abandonar a pretensão biográfica da bibliografia e dos autores, apenas isso serve bem mais aos outros, enquanto eu fico perdido, esperando uma oportunidade para me fechar com a minha dama na filosofia social dos

cagalhões, procurando fazer merda do que fazem, num registo de eterno ciclo entre o que fazem e deixam de fazer, de desejo-satisfação-arrependimento ou então de satisfação contínuo num caminho heideggeriano que não leva a lugar algum...podia dedicar-me à moda, `fotografia de moda, à fotografai *tout-court*, e ainda assim ando enredado por palavras, com palavras, com sentido e sentidos formulados através de palavras, o que significa que a coisa vai continuar mais ou menos da mesma maneira, porque sei secretamente que há ainda um deus, ou seja, um sentido de justiça do indivíduo, no seu fim físico, face ao grupo daqueles que o conheceram e Outros. Além disso, se eu não era pai de ninguém, porque me fazia passar por isso? Era perfeitamente estúpido, mas ao mesmo tempo assustadoramente Belo...

4

Entretanto, estava ocupado com uma tentativa de melhorar a minha credibilidade social, de modo a garantir a sobrevivência da minha espécie de escrita. No fundo, eu como que batia os meus próprios inimigos sem lhes tocar, diziam quase todos que eu era um falhado, que tentava com demasiado esforço ao lado do alvo, que era um zangado, um falhado, mas isso só me dava ânimo para prosseguir determinado, de uma maneira ou de outra, eu tinha uma vida que muitos invejavam, não tinha grande dinheiro, é certo, mas mantinha-me soberbamente saudável e procurava fazer uma certa gestão da felicidade, da minha própria ideia de felicidade, o que podia gerar algumas invejas, decerto, mas com todos o que sucedem nesta vida e que não a levam com desleixo e relaxe, mais cedo ou mais tarde acabamos por criar um ou outro inimigo. Naquele dia, estava ficando bastante nervoso e ansioso, talvez fosse por não ter relações há bastante tempo, passaram mais de seis anos sem beijar ninguém, perdão havia beijado Nina de soslaio e no pescoço duas vezes, sem grande continuação, mas como se ela fosse embora, acabei por desistir, portanto, estava ansioso por uma queca, com a cabeça a ferver, inquieto, nervoso, procurando controlar as minhas emoções, era só mais um dia até ver Nuna, não devia dizer isto, antecipadamente, mas podia ir até ao cimo da rua, pagar uns quantos euros e "resolver", mas fazia força para o não fazer, porque aí os meus "planos" ficariam todos estragados... Seria óbvio, a um individuo como eu, para mais enfrentando um problema de solidão, que seria mais exatamente de Melancolia, ter uma vida estável, produzindo, vivendo, dando a sua queca uma

vez por mês enquanto os meus amigos competidores escritores falariam, uns, de si mesmos, outros de outros, ou faziam filosofias sobre tudo e mais alguma coisa, tendo mais ou menos proveito, mas eu preocupava-me um pouco com a minha reputação social, em Lisboa ninguém vinha ter comigo para uma ou outra coisa, pessoalmente, directamente, sabia da realidade pelo falatório dos vizinhos, pela rua, as bocas que mandavam, pela internet, pela televisão, pouco mais. Esgotara o pouco dinheiro, 350 euros, em coisas verdadeiramente úteis, ao mesmo tempo que subia de consideração, as críticas aumentava e sabia que o sexo estava todo ele envolvido nessa trama de enganos. Não me iludia, como tinha apenas para a viagem, iria até casa dos meus pais descomprimir no Fim de Semana. Ah! Era Natal. Eu procurava ter um espírito duro, rígido e altivo perante as coisa, mas o certo é que para mim não era Natal, o meu pai estava quase morrendo, a minha mãe sofria cada vez mais e eu continuava teimosamente a fazer ciência em favor dos outros, ajudando os outros, não lucrando nada com isso. Faltava-me sem dúvida uma companhia, eu procurava, mas naquele Domingo de Dezembro, quase Natal segundo o calendário cristão, decidi espera um pouco, dar um espaço à minha mente para que pudesse relaxar, suspendia as minhas tarefas pessoais e profissionais, mas nada parecia surtir efeito, parecia estar a fazer tudo em seco, no meio do nada, ninguém me ouvia, ninguém se interessava por mim. De resto, se fosse assim tão bom, boa pessoa, bom pensador, porque é que estava sozinho? Era difícil fazer alguma coisa naquelas condições, baixar os braços e o meu sentido e sentimento para com as mulheres descia de consideração. Os meus adversários controlavam as mulheres como feras, sentia que muitas queriam estar comigo, mas não faziam porque de certo modo estavam presas a esses tipos mesquinhos que fazem coisas mais que mesquinhas. Sentia que, de longe, havia

ultrapassado todo e qualquer escritor português, do passado e do presente, dependia da minha saúde psíquica assegurar um certo futuro.

5

Mas o facto, porém, de não ser assediado, antes admirado pelo meu esforço, só dava sinal de que estava acima de muita gente, mas isso não me importava sobremaneira enquanto a muitas e muitos seria o objectivo principal. Só, na casa nova fria, andava de um lado para o outro com tormentos de demónio, procurando ora fazer sentido, ora descansar a mente para perdurar. Sabia perfeitamente o que era a solidão e tentava lidar com ela da melhor maneira, não recorrendo a drogas nem a álcool em demasia. Sentia-me bem, português, espanhol, francês, ou o que quer que seja, entre os russos e os americanos... Sim, era Natal, eu tinha pouca comida em casa, o meu pai teimava em fazer birra, não me sorver de um carro que abriria os meus horizontes, e a minha mão ficava-se por ali, a maior parte do tempo mal disposta, o meu irmão nada dizia e eu odiava por momentos Lisboa, que muitos diziam ser a cidade do amor e que para mim sempre fora a cidade do sofrimento, nos amores e desamores. Mesmo assim, podia dar-me por contente: podia escrever, podia andar pelas ruas, de um lado para os outros, como que procurando o Santo Graal, ou seja, qualquer coisa que nem sequer existe, de alguma maneira estava filosofando e ajudando os outros, entre os quais alguns mendigos, a porvir na sua vida e nos seus dias. A elite de Lisboa, mesmo a relacionada com o jet-set, raramente ou apenas de raspão tinha tido contato com a religião. O seu mundo era plenamente profano e nem sequer colocavam a finitude nos seus pensamentos, eram como que mortais por uns dias, por alguns meses, regressando a uma vida mais ou menos normal de pois disso. Na verdade, a

Igreja não tem mulheres bonitas, estas gostam mais do domínio do profano como que para cultivar o Belo e ao mesmo tempo inútil, por isso muitas delas não querem uma aventura sã, estão ligadas a um certa forma de poder e a uma certa forma de o exercer e não querem largar mão disso em função de uma aventura mais ou menos honesta, sobretudo se não houver dinheiro. Muitas delas não têm efectivamente, princípios, para não falar deles, muitos jovens com pouca formação e que de certa forma só vivem para o estilo de vida em que nasceram, não deixando espaço para a reflexão ou a atenção ao Outro. De algum modo, Deus poderia esvaziar a sua gula e prepotência, por isso abdicam dele. Outros, esvaziam-se de si mesmo e enchem-se de um Deus falso, que grassa em função do Nada numa Terra de Ninguém... Depois conheci Numa e Nina, duas núbias que me estavam fazendo tranquilizar um pouco a cabeça, é claro que gostaria de um branca, mas mais ou menos todas estavam atravancadas em sistemas e esquemas meio marados (o meu amigo falecida havia de concordar comigo), que pareciam em movimento, se é que o movimento é virtude, estavam parados a ponto de gerar curto-circuitos de todo o género. Enfim, na verdade, só as negras tinham virtudes, princípios bíblicos, garantia de fidelidade o que parecia bastante estranho num país onde os católicos eram a maioria, mas a maioria nem sequer era católica, os princípios da religião estava muito mais abaixo do continente europeu, sobretudo na África Negra. Pausava a minha mente: havia andado agitado durante muito tempo e agora procurava assentar, talvez com uma miúda, estava farto de esperar de e falar com miúdas que não me davam garantias, que ora queriam dinheiro para andar com elas, ora prestígio social e literário, o que me causava bastantes nervos e sem dúvida consistia numa certa forma de discriminação de mim mesmo e de pessoas como eu...Era melhor do que andar de um lado para o outro, carente, desaguizado,

quase louco, a ferver de ansiedade, do que sofrer por mulheres que nem sequer nos davam crédito, que não tinha um fito, que tinham a oportunidade e a deixavam cair, mas eu podia aperceber-me que não seria complicado constatar que corria perigo de vida. Havia africanos racistas, afinal eu não tinha tradição pessoal de relação com os africanos depois de ter tido em pequeno um amigo negro, ou tinha mesmo, essa era a verdade, eu sempre fora um africanista, cabo-verdeano, angolano ou moçambicano. O facto de dizer mal de Mia Couto e Agualusa tinha a ver com o caso de que era a minha escrita bem melhor do que a deles e ainda não tinha recebido prémio algum, era bem melhor até que a de Luís Quintais, mesmo a poesia (eu. Na verdade, sempre fugira de ser poeta, quando era bem no íntimo), acreditava até que estaria próxima da de Gonçalo M. Tavares e um ou outro mais. Eu tinha dito mal deles, melhor, tinha dito que era melhor que eles, em dois ou três lugares públicos, em Riachos, aqui em casa e num ou outro café. Mas era sobretudo notável perceber que não tinha remorso nenhum nisso, mesmo que isso me viesse a causar dissabores entre a comunidade negra.

6

Poucas coisas nos bastam para sermos felizes, no entanto julgamos o contrário, levados nos ventos do quotidiano e do diz-que-disse. Uma casa, um trabalho, uma companhia, provavelmente realização profissional, reconhecimento social. Muitos não têm isso e são felizes, alguns têm isso e não são felizes, encontram-se num regime de procura. Outros, abandonados à sua sorte, entendem a sociedade e para ela trabalham, para a fazer melhor, mais justa, mais livre, mais igualitária, enquanto outros procuram essas coisas na realização pessoal, talvez por tipo de regime político ou económico, talvez para dar o exemplo, talvez por razão nenhuma. Estamos, de alguma maneira entregues ao Nada, diz o filósofo. Há que ver a coisa pelo todo, diz o antropólogo, em sociedade tudo se faz, tudo se realiza, diz o sociólogo. Enquanto isso, algumas pessoas, talvez a maioria, porque a companhia sempre é breve e ilusória, entregam-se aos caprichos e vinganças da solidão. Outros procuram apenas sobreviver, não pensar, pois tiveram coisas boas na vida e assim as recorda, deitados num sofá, no calão de um café. Afinal de contas, a filosofia serve para quê? Serve essencialmente para jogar equitativamente os afectos, quando de afectividade tem pouco, enquanto eu passo fome há sempre alguém a comer e uma coisa pode nem estar relacionada com a outra, por isso essa coisa das ligações tem muito que se lhe diga num mundo espartilhado de sentido em entre a memes miméticas... Interessa o *cool*, o porreiro, porrada, enquanto que para outros interessa a paz e o retiro e o desenho que aí de faz. Talvez seja um dos sentidos da vida humana dar sentido onde não há sentido,

imitar Deus, criar, alimentar um sentimento, um desejo, uma proliferação de talento. Enquanto alguns dão imenso valor, por vezes até vital, ao encontro do outro pela transferência de memória, outro não se importam nada com isso, sem podermos dizer efectivamente quem está certo e que está errado. O mundo está dilacerado e a sociedade com ele, pode fazer-se praticamente tudo e alguns ainda não perceberam que mesmo que façam tudo, esse tudo nada será face ao Todo, ainda que o queiram ou não alcançar, sob o olha do Outro e ainda que fazendo tudo nada fazem. De válido? De útil? De satisfatório para eles mesmos? Outros ocupam esta vida procurando uma forma de imortalidade, vendo no quotidiano uma arte (que cansa, em certo sentido), uma variação sobre um jogo ou uma canção viciados, visitados por inúmeros cíclicos turistas. Um homem vai, um homem vem, não há que enganar, enquanto que os mais novos que fomos e os mais novos que são dão importância a essa fatal discricionariedade do mundo social, enquanto palco, tela ou mero sortilégio do acaso, outros correm um simplesmente caminham andrajosamente, nem sequer indiferentes (pois a indiferença é maior das armas por ser a maior das atenções) ou absortos em qualquer coisa que tem sua índole no magma de que todos somos feitos. A filosofia apenas explora isso, enquanto a ciência social ignora a protensão do sujeito para a loucura, a genialidade, a recuperação de princípios condutivos da sua vida, da vida dos outros, da vida em sociedade. Depois, pensei outra coisa, ou era inacessível aos outros, quer por estar fazendo coisas que ninguém mais fazia, ou algo de muito estranho se passava. Eu estaria num registo, os outros noutra, talvez num nível de pensamento que poucos haviam acedido, no entanto estava sozinho, sentia-me terrivelmente só e sem afecto e pensava naqueles que faziam as mesmas tarefas e aventuras e ainda por cima eram mimados,

acarinhados. Não, julgo q eu o problema não era meu, simplesmente as pessoas queria levar uma vida despreocupa, sem chatices e de algum modo eu representava um qualquer tipo de esforço, de dificuldade, de complexidade.

7

Punha a comida a fazer. Procurava, mesmo que os pássaros não estivessem assobiando, encontrar algo de positivo e toda essa situação triste de estar só e percebia que a maior parte dos outros apenas foge a solidão porque não sabe casar com ela, de algum modo estar só é estar acompanhado daquele que nos merecem. Pressenti que todo um povo estava conspirando contra ele, de algum modo ir para fora seria fugir de tudo isso, tentar ser feliz noutro lugar, porque de algum modo "estes" contemporâneos não mereciam a sua felicidade porque, num certo sentido ético da coisa, apenas se sentiam bem quando a infelicidade do outro lhes batia à porta. Bela sociedade essa, belos mecanismos de articulação do desejo e da energia. E, enfim diante da morte somos todos iguais, não há ricos nem pobres, nem cultos ou incultos, sendo que a maior parte esquece que vai morrer e morre esquecendo, num estado mais ou menos absorto de maledicência ao seu próprio destino. Normalmente, mesmo em termos estritamente psiquiátricos, quando o sujeito não é acarinhado, quando o delegam para regiões infrahumanas da sociedade, este pode quebrar, mas pode-se também revoltar, caso tenho alguma consciência do livre-arbítrio, de uma espécie de juízo final ou alguns conhecimentos rudimentares de filosofia. De algum modo posso pensar do seguinte modo: se a sociedade não me deu o que quis, que posso esperar eu da sociedade? Deveria ter sido melhor elemento do social, melhor pessoa, deveria antes de procurar o bem do Outro, ter procurado o bem de mim mesmo, só por isso ou em função, em articulação do todo que é a sociedade? Mas a pergunta mais pertinente é a

seguinte: se eu sei como funciona a sociedade, porque não uso esse conhecimento em proveito próprio? Em nome de quê não faço o que um mero elemento do grupo social poderia fazer ou faria nas mesmas condições em que me encontro? Talvez porque tenha uma visão religiosa da coisa, que a muitos ("elementos") faltam e talvez porque a maior parte das pessoas por cá, neste burgo, não faça verdadeira ciência social, porque sempre atreita aos subsídios do poder governamental e derimindo argumentos a seu favor. O que há de extraordinário nessa articulação entre corpo individual e corpo social? Não estará já tudo explicado antes de eu chegar aqui? Que terei eu explicado de assim tão importante que nem sequer mereça ser sabido. Essencialmente porque as pessoas levam a vida a corre, grande parte delas não se apercebe da sua passagem por aqui, por esta fracção de tempo neste espaço determinado. Sobretudo porque não há lugar à reflexão enquanto há lugar à reprodução e ao gozo extático das coisas eróticas e aqueles que julgam dar espaço à reflexão nas suas vidas, simplesmente fazem-se valer disso em seu favor...Depois, a ameaça terrorista abrandou, já não se viam polícias no Oriente, na Avenida da Liberdade, nos Restaurados...parecia que eu, mais uma vez, tinha de fazer um enorme trabalho nunca pago de dissuasão de um hipotético atentado. Talvez por isso estivesse só, talvez estivesse pagando a necessidade de me preocupar, justificando-o a todo o momento, a necessidade de estar bem e que os outros estivessem bem. A questão final é a seguinte: teria pachorra para mais ficção? Então, damos um grande murro na mesa e dizemos a alta voz: "Porra! Eu não sou isto que me está a acontecer, sou bem superior a isto".

Tudo o que julgara perdido e desesperado ante o meu coração, esvaído no esquecimento mais ou menos líquido do meu Ego, tornado social e infinitamente complicado, reapareceu, sob a voz de uma colega, durante uma conversa na net. Senti o mesmo que muitos sentem quando precisam de se abandonar, de se deitar, a uma vida totalmente diferente daquela que levam. Na verdade, Camus não pudera dedicar-se à filosofia, pelo menos ao seu ensino, por razões de saúde e eu estava sob a mesma disposição, seria complicado voltar a dar aulas e, desta feita, talvez por impossibilidade ou por eu ser, em certa mediada, filosofia, a filosofia, uma forma de filosofia. Readquirira o sentido da casa, estava por ali, diante de umas coisa, um monte de papéis, um lava-mãos esboçado, andando de um lado para o outro fazendo sentido sobre qualquer coisa que de si tinha um sentido latente sob o qual eu colocava a minha mão e acabava por trazer ao de cima, à realidade de mim mesmo e dos outros. Afinal de contas, não podia fazer grande coisa, estava reformado, talvez fosse a Nova Iorque, talvez não, se ficasse portanto por aqui decerto que prosseguia a construção da minha felicidade, lendo, escrevendo, publicando, fazendo e continuando a fazer ao meu ritmo as coisas que sempre quis fazer e nas quais, de certo modo era bem sucedido: falava-se de um em certos círculos, da minha prosa, certas pessoas olhavam para mim com interesse, um sujeito que, com calma e cuidado, dizia a minha amiga, tinha feito certas coisas, coisas bem interessantes até. Encontrava nesta forma de entretenimento uma certa forma de divertimento que outros não conheciam de maneira alguma, mesmo que se esforçasse e

falassem com este e aquele. Os meus livros estavam em apreciação em duas grandes editoras, edições em papel, portanto, fruto da minha insistência e decerto algum profissionalismo junto delas...O projecto IES continuava de pé, haveria que lhe juntar uma outra empresa, desta feita de multimédia, tinha de pôr o site de pé. Viera de Riachos, a minha mítica aldeia antropológica, da qual nunca haveria talvez de sair, para Lisboa, naquela semana de Natal, com tempo frio não chovido. Procurava ambientar-me na casa que havia ocupado há seis meses, andando de um lado para o outro, não me sentia plenamente confortável e esquecido de mim, da minha presença e do meu enlevo, como dantes, como quando a fora ocupando como um lince na sua toca. Eventualmente, faltava-me uma fêmea, uma companhia, que me alegrasse os dias, isso preocupava-me, porque me preocupava essencialmente o facto de não ter meios de porvir e a minha irmã continuar ajudando-me com vinte euros por dia, mas não era assim tão mau, quando estava mal disposto ia até ao Centro Comercial, dava uma de Melancómico, com o saco das comprar na mão num passeio de uma cidade suburbana e suja... De alguma forma, a minha doença das obsessões ajudava-me a ser feliz, reiterando ideias, pensamentos, mais ou menos agradáveis, dilacerando a mente de um lado para o outro, de trás para a frente, da frente para diante de mim, numa projecção indiciosa de uma vontade de evitar a redundância, a chatice, procurar no sentido do que não é dotado dele, seja até aberrante e esquisito, uma forma de respeitosos divertimento para a carne e o espírito. Mas pronto, com o porno eu fora um tipo que se esboroara bastante, não em termos de talento, mas no social, podia muito bem ter sido um respeitável Doutor de Filosofia, professor universitário, etc e tal, mas em certo sentido eu odiava todas essas retóricas, talvez por perceber que a verdadeira filosofia acaba por se comunicar pouco e seja talvez o único objecto

de verdadeira meditação interior, para além do óbvio discurso teológico que, na verdade, é sempre a mesma ladainha; aqui, há consolo e certeza, ali, na filosofia, dúvida, incerteza e sofrimento, talvez muita solidão, mas por outro lado a certeza da interrogação constante, do saber, da busca de um objecto-objectivo que diz muito mais do mundo que outras diversas formas de eloquente retórica, ainda que esta seja também, como é o caso dos sermões, serões, prolectas proliferações do espírito humano, não só uma forma de afirmação sobre o real, mas também de conhecimento e de certo modo, de dominância sobre ele, quando descobrimos na maior parte das ocasiões, que o real somos nós mesmos, o Outro não existe senão enquanto ficção e projecção do nosso espírito em O possuir, seja mentalmente, pelo consumo e dilaceração de duas chamas bastante ardentes, seja pelo corpo, que em grande parte, nunca se satisfaz, entrando numa espiral de desejo incumprido, incompleto, que nunca chega jamais a saciar-se. Portanto, o ponto de equilíbrio e saciação deveras perfeita está na singular articulação entre carne e espírito que o HOMEM pode fazer, ou seja, para lá chegar é preciso sem dúvida já lá ter estado e se nunca lá se esteve os problemas aumentam, mas a experiência, paciência e sentido de risco definem, como em tudo, o HOMEM equilibrado.

9

Sim, esquecera de vez os outros, mas não a crítica. Se este Natal e Fim de Ano não me trouxessem nada de bastante espectacular, continuaria, por aqui, fazendo as minhas coisas, que já disse fazer atrás, sempre procurando alguém para viver comigo, entre Leiria, Pombal ou mesmo Coimbra. Longe estavam os tempos do hospital, ainda que tenha tido um certo abalo há mais de dois anos, de que saíra peremptoriamente, *Clareira*. Os tempos agora eram outros; eu estava com menos forças, cabelo mais branco, mais ou menos apresentável, procurando fumar menos, tomando apenas dois medicamentos por dia, à custa de muito sacrifício e esforço, sabia que não podia beber álcool, a via sem ele era mais sinuosa, mas com ele era absolutamente demoníaca e infernal, por o dito licor aumentavam em mil os sentidos dos sentimentos fracassados em mim durante dias e dias de espera e auto-argumentação, de saudade do corpo que nunca chegava. Eu podia, se fosse objectivo, ver as coisas da seguinte maneira: apesar de ter um problema psíquico com o qual muita gente se afligira e afligia no dia-a-dia, eu tinha um determinado contrato para com a sociedade e na verdade havia feito (e de que maneira!) o que sempre quisera fazer, escrever, e fizera-o abundantemente e com determinada qualidade, quase todo o tempo, evitando um trabalho chato e dedicando-me exclusivamente a tal tarefa. Se as miúdas não apareciam, seria obviamente por questões de estatuto social e laboral mas, enfim, eu tinha tido também de mulheres a minha boa conta e de certo modo era um sujeito que não tinha absolutamente problemas com ninguém, tinha umas dívidas de pequeno valor, mas conseguira de

certo modo, estar acima disso, viver acima disso. O meu prestígio social aumentava e eu encolhia-me avesso a grandes manifestações multifusionais e cheias de luzes. Lá viria o dia, entretanto, continuava a trabalhar para que tal acontecesse...Noutros termos, podiam gozar bastante de mim, mas eu chegara praticamente sozinho onde chegara, depois de ter sofrido vários internamentos que me abalaram bastante. Tinha as conversas esporádicas com Danny, nada mais, há muito tempo que não tinha aulas nem ia a um colóquio. Era na verdade como que um eremita em plena selva de cimento. O facto de produzir constantemente, praticamente todos os dias, gerava em torno de mim uma atmosfera de solidão versus criação e a criação permitia que não estivesse totalmente "só comigo mesmo"... Muitos e muitas seguiam o seu caminho, tendo pais formados que os acompanhavam com carinho. Eu nunca tive isso do meu pai, tive da minha irmã e da minha mãe, por flashes de aceitação do que estava fazendo, mas sempre desguarnecido sob o ponto de vista académico, que seria o que mais interessava, mas não tinha o afecto de um miúda, de uma afinidade intelectual electiva, o que só adianta como espectacularmente simples e contundentemente acessível a minha obra, refiro essencialmente às minhas teses, que não se fecham numa retórica casuísta e hermeticamente indecifrável, mas que se estende o domínio do dia-a-dia, fazendo permanecer no Tempo o que se gasta com ele, ou seja, dando ao quotidiano muitas vezes sem sentido, e aqui refiro-me não ao meu sentido, mas ao dos outros, relevando qualquer coisa que se perdeu por uso e usufruto e restituindo-lhe valor e significado não só eu seu uso tradicional, mas posterior, futuro, designado e planteado numa esfera de nova utilidade e sentido, para o usufruto do agente social e do domínio público.

10

Enfim, a solidão abatia-se sobre mim, eu não conhecia como me manifestar, muito amor ficara caído no chão ou dentro dos slíps, por assim dizer, para falar mais directamente, eu estava desejoso por encontrar um corpo novo ou reencontrar um antigo, em Riachos nada acontecia, podia virar-me para Palumbar ou Leirina, pois o quotidiano aqui por Lisboa estava sendo complicado, dava sempre a mesma volta e nada trazia em retorno na sacola para casa, enfim, era a minha cidade mas eu vivia tenso e angustiado a maior parte do tempo, não conseguia descomprimir, tinha de procurar lugares onde pudesse estar uma certa quantidade de tempo com alguém, um grupo, sei lá, embora tivesse as coisa quase que todas preparadas para partir para Nova Iorque, tivera mais um abalo cerebral e por vezes, danado comigo mesmo e com quem me esquecia, pegava num cigarro e fumava-o de raiva, como que suspeitando que alguma coisa aconteceria...mas nada acontecia, nada estava ali, entre luzes, lutando ao fundo mais adiante, contra comigo mesmo contra qualquer coisa que me iludia, superava e tudo e mais alguma coisa, mas que nunca, nunca me surpreendia pela positiva. Merda!!! Ansiava pelo dia em que conhecesse alguém para amar e me enfonhasse definitivamente na filosofia, eu que afinal era o mais sociável dos anti-sociais!... Não, não queria voltar à terra onde todos mais ou menos ou me gozavam ora me deificavam, ao ponto de acabar a um canto, no canto esquerdo do atelier da Casa do Jardim ou no canto direito, sentado no sofá, junto ao lume, na Casa do Jardim de Riachos, filosofando na eternidade da noite, só, só como eu, genialmente atormentado pelos meus

parcos passos no espaço em redor, na retumbância silenciosa de qualquer coisa de significativo que se revelaria na espessa metafísica dos meus olhos caídos...depois deitando-me na cama fria, que o corpo fervente de alguém aquecia num instante, como aqui, em Lisboa, como se o meu singular corpo fossem dois, como se se dividisse em dois para satisfazer a parte ínfima de um corpo em reduta e progressiva extinção, ainda que não o reconhecendo, mesmo vendo a barba cada vez mais espaçada, esboroadada, como o meu espírito, ainda que os meus olhos conservasse alguma altivez, alguma sobrançeria, alguma vida íntima. Ela olha para cá, vê o meu semblante inundado pela sombra e desafasta a cortina, baixando o estore...janela fechada para mim, tenho de tenta noutro lugar. E o que vou tentar? Não foi tudo já feito, ainda que se recomece e continue a fazer muito mais?

Depois, cheguei a um ponto em que tudo me metia raiva, a raiva essencialmente da injustiça a partir de tantos anos, de tantos anos de uma obra. Eles estavam surdos no seu atordoamento da realidade, uma realidade que tantos queriam iludir mas na qual, para bem e para mal, estavam mergulhados. A minha raiva era certamente bastante, procuraria projectá-la para uso na minha experiência norte-americana, que, a acontecer, nunca podia ser patrocinada senão por mim mesmo motivo pelo qual não guardava nenhum dever de os representar lá fora. O certo é que não tinha paciência, o esquecimento a que me haviam votado, bem como em geral a sociedade portuguesa, haviam-me dado o direito de, mesmo a partir da minha solidão, os olhas como inimigos do peito, insultá-los, desclassificados que era, desclassificá-los sem mais não. Mas isso não levaria a nada, em bem sabia, sabia essencialmente que raramente um homem podia fazer sozinho o que eu tentara (e conseguira!) fazer..ssss Sabia bem que o culpado da minha situação não era eu, melhor, não era só ou principalmente eu, havia muitos que me queriam baixo, no lodo, morto, sem mais nem menos. No recolhimento da aldeia, eu procurava descansar e estar bem comigo mesmo, enquanto pensava maneiras de conseguir coisas e mais coisas, mas isso não me atormentava em demasia. Para os meus pais, eu havia conseguido pouco, para outros também, mas para muitos havia conseguido muito, eis o sortilégio da imagem social que temos ante um ou temos ante outro. Depois, via muita gente triste, triste sem sequer ter lutado por coisa alguma que não fosse uma parangona mesquinha na comunicação social, sim, esta

sociedade estava ficando cada vez mais mesquinha, cada vez mais estranho a meus olhos e, como expliquei a Danny, quando as mulheres não se aproximam, alguma coisa está mal...

Paciência, era a coisa que mais tinha e ao mesmo tempo não tinha, não me sentia impotente, antes injustiçado e, mais uma vez, iria fugir, como aos 15 anos, da situação, da pressão de estar numa aldeia, numa cidade, num país, que não levava a nada, onde a liberdade era puramente legal ou desordenada, com articulação diversas entre a literatura e o escândalo.

Eu achava, então, esta situação bastante estranha: não me bastava ter praticamente de ser antropólogo, ou seja, deixar de ter a oportunidade de conhecer outros grupos que não o meu, outras culturas, quando era bastante ostracizado na minha própria terra, considerando em deixá-la, senão para sempre, pelo menos durante uns anos, aceitando um contrato como Professor de Ética em Durham, na Inglaterra. Nada acontecia, nada aconteceria, mesmo que eu forçasse, mesmo que eu tentasse, e sabe Deus como tentava, além das minhas forças. Parecia que me estava redimindo de um período de desperdício e sono, de anos. Estaria condenado a viajar de comboio entre Riachos e Lisboa por quanto mais tempo? Seria tal desenho territorial um fatalismo ou poderia converter tudo isso em alegria? Por outro lado, a minha mãe estava parca de saúde, o meu pai lá se aguentava, mas como pouco falava, eu não sabia se ele, de um dia para o outro, poderia ou não ter um ataque, um derrame, colapsar. Eu próprio poderia obter tal maleita de um momento para o outro, tal era a forma como me estava a esforçar. Uma socióloga dizia-me por um site de relacionamentos que teria de me contar, de me guardar, de criar a vida com cuidado e

tempo, com dedicação. Parecia que havia uma conspiração contra mim, efectivamente eu queria um pouco de sexo e nada parecia acontecer para o meu lado, apetecia-me gritar, fazer trinta por uma linha mas, mais uma vez, optava pela via da contenção e deixara, pelo menos por uns dias, de ser esquizomorfo e reguilão e procurava concentrar-me em mais uma obra, depois de ter concluído "Nina". Uma obra minha, "Caderno de Encargos", iria ser brevemente objecto de publicação entre nós e no Brasil, teria até publicidade num jornal nacional e na TV, durante quinze segundos. Era bom alimentar essa ideia, de esperar que poderia ser finalmente a minha vez enquanto romancista. É claro que teria de pagar, a pouco e pouco, dois mil e seiscentos euros, o dinheiro que seria para a tese, pelo que eu chutava essa ideia para mais à frente, altura em que a poderia rever convenientemente e dava-me espaço para ler umas quantas coisas, porque, como todas as coisas, talvez estivesse desactualizada. Além do mais, nunca conseguiria juntar dois mil e quinhentos euros por mês, mesmo que juntasse cinquenta por mês, o problema era fundamentalmente esse...

Depois, procurava não fugir constantemente de mim mesmo, das coisas, dos pensamentos, do futuro, ou seja, procurava entender que era um sujeito essencialmente bom que havia trilhado um caminho original e que, muito além de superar as suas falhas de carácter e as alarvidades que por vezes dizia, era essencialmente um tipo de coração que não se cansa, que procura sempre o melhor de determinada situação de inferioridade, pelo sentido cómico e filosófico da questão. Não me contentava em pousar o rabo sobre os meus louros e olhem que eles eram vários, de vara ordem, abundantes até, diria. Acreditava que a escrita era um caminho de trabalho, dedicação, de algum génio, mas de muito suor e, pensemos, afinal o génio não vem do esforço? Não é preciso esfregar devidamente a lamparina?

Assim, eu não conseguia ficar parado, era o próprio rosto do esforço, quanto mais me criticavam, mais continuava, determinado e até divertindo-me pelo que afinal havia sido o meu trabalho desde que me aposentara, desde os meus trinta e cinco anos, sem parar, nos mais variados domínios e sectores de pensamento, talvez como um demónio umas vezes, talvez como um anjo silencioso que lhe pouca sobre a cabeça outras. Naquele Natal viajaria de manhã para Riachos para, mais uma vez, passar um novo Natal com os meus. Comigo estavam as histórias que deixara para trás, as histórias que estavam para diante, sabia que nada mais me importava e que continuaria assim uma boa dezena de anos, até me cansar verdadeiramente e encostar um pouco, mas sabia, tal como ouvira a Pérez-Reverte que, esta é uma profissão que, como o vinho do Porto, melhora com a idade, portanto, o augúrio talvez sacral era de que eu melhorasse com o tempo e talvez voltasse à verdadeira e pura ficção, que deixara iniciada no "Caderno de Encargos" e entrecortada em certas outras obras. Mas, como poderia pensar em outras histórias sem viajar, sem falar praticamente nada com as pessoas, sem ter grandes amigos, sem visitar grandes círculos, sem sair do meu silencioso labirinto filosófico? Não sabia, realmente, como o fazer, mas sentia que o podia fazer, talvez não me dedicasse de todo à filosofia em primazia, nem a minha ficção fosse apenas ficção, pois era de tudo um pouco o que eu escrevia: teoria social, ficção, obviamente, filosofia ora bem, jogo de cintura ante mim mesmo e o Outro, leitura de situações diversas que apontavam mais para o cinema e para a filosofia social ou psicologia social, do que para qualquer outra arte. Eu julgava que estava no caminho da ficção, num caminho de ficção, mas talvez estivesse mais próximo da criação de guiões para cinema sob uma determinada ótica,

sob uma determinada filosofia. Então, teria de optar, não estava já espartilhado o meu espírito ante a realidade? Entre guião de cinema e situação psicológica, entre ficção pura e teoria social, o meu espírito oscilava constantemente, tal como o relógio que estava na parede de casa. Quanto mais descansava mais tinha para deitar ao ecrã em branco, tomava as minhas notas onde quer que fosse, no metro, numa pausa para café, no comboio, fosse onde fosse tinha sempre ideias para deitar ao papel. Eu, que me queixara da história, da minha rocambolesca história, estava agora cheio de acontecimentos, personagens e seus cruzamentos, na cabeça, bem como as ideias e os situações. Isto começara há meia dúzia de anos, esta vontade de escrever, ante o espartilhamento da realidade na minha cabeça, assumo, e isso influenciava pessoas, não havia como evitá-lo, tínhamos de lidar com isso e teria a ver com o profundo sentir das pessoas, que se reflectia numa sexualidade também ela espartilhada, o que eu não via com olhar ocioso ou moralista. Achava que as pessoas podia fazer o que bem quisessem do seu corpo e dos seus sentimentos e as posições estavam-se extremando: na realidade, havia os que se guardavam, talvez em demasia, muitos deles apegados à religião, que mantinha a sua força enquanto ordenador do real e das consciências debruçadas sobre esse real e havia aqueles cujo corpo literalmente se desmembrava no acto e na posição, social ou física, cenicamente falando. Eu estaria sensivelmente no meio, os meus irmão também. Tivéramos infâncias deslumbrantemente felizes mas adolescências complicadas, essencialmente eu próprio, não tanto o meu irmão nem a minha irmã, não quero de forma alguma capitalizar uma ou outra forma de sofrimento moral ou psíquico ou até romântico. Fomos influenciados pela religião e, tanto quanto a mim diz respeito, se não tivesse um papel de escritor genial, a que

advinha bastante sofrimento, teria talvez um papel de actor, sabem, de actor desses filmes que não levam a lado nenhum, pois afinal ficamos pensando nos nossos pais, na nossa terra, nos nossos amigos, na vida que levamos, que isso não é vida e na vida que podemos levar que, judiciosamente, podemos conduzir em sabedoria e felicidade, mesmo que o nosso corpo, acompanhado de nossa alma, esteja resvalando para a podridão do excesso dos corpos confrontados... Ainda assim, o meu caminho fora ínvio e em certo sentido posso dizer que senti muitos momentos de felicidade e construía, architectava, a minha vida, para que voltasse a sentir mais e mais, cada vez mais e mais, obedecendo à regra de Francisco que, segundo Freud em *Mal-Estar na Civilização*, fora aquele que propusera e experimentara a mais simples, potente e universal forma de felicidade que a um humano é dado tentar. Ou seja, em todo este tempo, mesmo que sozinho, mesmo que fazendo sexo só, teria de certa e ampla maneira, sido profundamente feliz, ainda que o meu tempo não me desse isso, ainda que eu procurasse agradar da forma mais completa e profunda, ainda que não quisesse deixar tudo, toda a história, todas as histórias, para depois da minha morte...

Uma justificação, do meu estilo, da forma como poderia melhor, mais abundantemente, fazer verter as minhas palavras, o sangue do meu espírito: não tinha na minha vida feito nada de verdadeiramente invulgar; sempre quis estudar, fazer qualquer coisa de válido com os meus dias, anos; por isso, a crença num Deus juvenil (para mim, na minha direcção) seria uma forma "barata" (ainda que me tivesse, sob vários aspectos, custado bastante) e "rápida" de aceder à cultura universal, ao invés da local, que sempre dominara, de uma forma ou de outra. Sim, estou escrevendo e reescrevendo a minha história na história de outros, de outras personagens, **personas**... estou fazendo um exercício de terapia, de certo modo, despejando uma e outra coisa, como quem se desfaz de um edifício moral, senti-mental, histórico. Neruda teria escrito "Confesso que Vivi" e eu, de certa forma, diria: "Confesso que não Vivi". Não tenho sido demasiado pessimista? Demasiado exigente comigo mesmo? Ou vejo nisso alguma forma de genialidade? Ou uma forma genial de abraçar o recorrente, de sentir e reafirmar sentindo que ainda acredito em Deus, apesar de ter reconstruído vastamente a ideia de Si em mim? Sim, vivi e vivi bastante, talvez mais do que se não tivesse entrado naquele seminário, naquele convento, naquela universidade, e teria vivido tanto quanto tenho uma consciência clara de que me devo afastar um pouco, aliás, porque o mundo se está tornando num lugar violento e eu, embora preparado para isso, não ganho para tal, a própria universalidade do mundo, na sua violência ao ponto do estertor, se espartilhou e tal, talvez se tenha tornado inacessível a uma só mente, a uma só cabeça pensante. Será isso alguma forma de cobardia? O que é ser-se antropólogo hoje em dia? Procurar ligações? Sentido num mundo sem sentido? Estarão os antropólogos de hoje prontos para teorizar como o fazem os filósofos somente a partir da observação, confiando o resto à sua

mente, proliferando em especulações as mais diversas a propósito de pequeníssimas observações (como as “pequenas percepções” de que falar José Gil) e de grandes questões que preocupam os humanos? Não sei, não sei mesmo... Depois, eu tinha uma razão bastante íntima pela qual não me dedicara desde cedo à Filosofia, ao estritamente filosófico e talvez estivesse reunindo as condições (mormente afectivas) para o fazer. Teria a ver com a relação histórico-filosófica de Sartre com Beauvoir? Teria a ver com a minha falta de coragem existencial? Teria a ver com a convicção bastante arreigada em mim (e em muitas pessoas minhas contemporâneas, de resto) de que o lugar por excelência da pura filosofia e da filosofia é um lugar louco, escuro, solitário e sem sentido? Na verdade, eu não ensinava filosofia, embora a praticasse, com a formulação de um sem número de questões que se me afloravam no quotidiano. Talvez estivesse apenas à espera disso, uma espera atenta, para que me pudesse entregar de alma e coração a essa tarefa. Deixaria para trás e para sempre a antropologia, que também me abalou bastantes convicções? Mas trouxe-me outras, convicções fortes sobre o Homem, sobre um certo sentido de pensar o Homem.

O frio cortava-me os ossos, mesmo dentro de casa. A América estava longe, cada vez mais longe, o meu corpo avançava e recuava no apartamento tal como um pénis numa grande vagina a partir da qual nunca seria pai...

De repente, tudo voltou a entrar em órbita, o escritor, por ser aquele que dá importância à vida, sobretudo à dos outros e nem tanto à sua própria saúde, nomeadamente a psíquica, sai de casa para comprar o almoço, tal Melancómico, i.e., Nuno Costa Santos, para, relativamente bem disposto, com algum frio, o frio que faz lá fora e até dentro de casa, pois um esquentador gasta muito e não se pode exagerar, ouve umas bocas e chega, ao entrar, a odiar as pessoas daqui, mas lembra-se que tem o fado de melhor antropólogo do país e arredores e lá consegue endireitar a alma e ver se alcança mais uns medalhões no âmbito de melhor filósofo e escritor cá do burgo, pelo ar de pulmões para o estrelado que o vitimará e que irá tornar pior, sem dúvida a sua sempre rasgada escrita. Procura companhia na internet, mas parece não ter sorte, será que o seu líquido sagrado se está secando, afinal está fumando um pouco mais e pensando como um bom ou mau filósofo no âmbito das mais profundas motivações num âmbito local relativamente circunscrito. Não pode mais conter o seu génio, em ambos os sentidos: a sua personalidade e o seu brilhantismo inclusivamente literário. É fácil permanecer no seu burgo e não ver as fronteiras, não arriscar sabendo que pouco (ou alguma coisa, talvez) se tem a ganhar, como que tentando conquistar a liberdade enquanto preso, fisicamente e mentalmente aos seus demónios, sensações, impressões, sentidos de ser e sentido.

Naqueles dias frios de tempestade Bruno, eu havia conhecido Vera, saíra com ela uma vez ou outra, mas havia antes de a ter conhecido respondido a um anúncio de miúda mais nova e depois de me ter embrulhado em papel de Natal com Vera, respondi a esse anúncio, compulsivamente, como quem ao mesmo tempo expulsa e acolhe o demónio, fiquei

perturbado comigo mesmo, ainda não tinha compromisso algum com Vera, estava disposto a ficar com ela mais um tempo, mais tempo e já estava a falar com outra, enfim éramos todos bons amigos...

Passa mais um dia, deito-me cedo e levanto-me a meio da noite, preocupado com qualquer coisa que por acaso é a minha frágil condição económica. Estes pensamentos como que são retirados ao diário que alimento nos meus blocos de notas. A minha irmã deu-me um por este Natal. Procuro não pensar demasiado nas coisas desnecessárias, de que me posso mais ou menos facilmente desapegar, como o sofrimento logo pela manhã, a condição de estar atreito a pensamentos derrotistas, enquanto continuo esta narrativa, entrecortada por memórias estranhas e contraditórias dos amigos de Riachos, sim, já me cansa tudo isso, ter de ficar, ter de ir, andar de um lado para o outro e inclusive na casa ter de andar de um lado para o outro, pensando em sair, pensando em ficar, em resolver qualquer coisa que custa a concretizar. Entretanto, prossigo nas minhas investigações mais ou menos lógicas, mais ou menos pato-lógicas.. Estranhamente, os mesmos sintomas de antes, ansiedade, agitação, não me suportar, estavam descendo de intensidade desde que conhecera Vera e agora havia travado conhecimento com mais uma pessoa, é certo que não tinha um compromisso assumido com Vera, mas esta dualidade causava-me estranheza, embora com uma ponta de excitação. Se em Riachos estava enredado numa teia de relações mais ou menos humilhantes, em Lisboa nada acontecia que me desse felicidade, andando de um lado para o outro dentro do apartamento sem saber bem o que fazer, às tantas não tinha de fazer nada, teria feito muito e agora só tinha de esperar pelos efeitos dessas acções. Devia sair um pouco, tomar novos ares, mas qualquer coisa me prendi à casa naquele dia, e eu não sairia, pondo

o meu casaco às riscas, sem saber exatamente que era essa coisa, que não era simplesmente um apego à casa.

Estava mais ou menos no estado de espírito entre o Danny Boy e o Luís de Portugal, procurando fazer sentido, procurando coisas e loisas no meu espírito, cavando, cavando cada vez mais fundo a fim de extirpar de mim mesmo vários livros, romances, novelas, argumentos de cinema. Entretanto, por mera falta de dinheiro, ficara sem telefone, televisão e internet, assaltou-me logo o espírito monástico para ficar retido em casa a escrever, como estou fazendo agora, mas talvez viesse a ficar ainda mais doente com isso, às voltas sozinho. De cigarro na mão a queimar, de pensamento, lá ia eu, não muito sociável, mas procurando contrariar uma tendência para a tristeza e o desalento, assim falava eu de mim mesmo talvez porque fosse um escritor pobre, muitos achavam que não, achavam que eu nadava em dinheiro e facilidades e entretanto ganhava alento para continuar a teclar esta canção, agora talvez mais sozinho, pretendendo encontrar-me comigo mesmo, mais e mais, mais e mais fundo no fundo de mim mesmo sempre acharia uma esperança, um motivo, um vislumbre. A fonte que fora a aldeia, em termos antropológicos e literário, havia secado, todos pareciam zangados uns com os outros, enquanto eu, por aqui, desenhava projectos ideacionais a partir da minha mente esquálida. Tinha consciência de que não era o melhor, mas tendo essa consciência talvez fosse mesmo o melhor, não sei porquê, mas talvez seria apenas um pressentimento, um bom pressinto nuns dias em que estava sem comunicações e tinha pedido a *password* da ligação ao senhor de baixo. Enervado, exaurido, continuava a dar de mim a este texto, um pouco desorientado, sabendo que em dias melhores que esses poderia lembrar-me de mil e um lugares, de mil e uma personagens, que fariam um belo romance, mas de algum modo a minha vida mantinha-se na mesma, o sucesso era uma ilusão, talvez a minha felicidade e tragédia, fonte de pessimismo, fora precisamente a

filosofia. Andando de um lado para o outro, procurava não forçar a narrativa, a inspiração, procurava deixar alguma coisa para o dia seguinte, sentindo um pesado cansaço psíquico e físico e um certo pessimismo, de modo que, a meio do dia, fui deitar-me um pouco. O que era, afinal, o mistério da vida, o enigma existencial do estar-aqui e por memorização ou enquadramento, estar também noutra lugar? Não será esse lugar um postergar dos nossos pensamentos do aqui face à inevitabilidade do deixar de vir a estar aqui? Aqui e acolá, eu sentia que a minha hora podia chegar, mesmo que muitos fizessem troça de mim, numa terra que estava já quase escolhendo para morrer... Passou um tempo, a minha mente projecta-se no vazio mas não o consegue preencher, ele foge sempre para a frente, tenho vontade de escrever filosofia e mais filosofia mas a coisa parece não ter consequência, não dar resultado satisfatório, de modo que os personagens fogem para as mãos de outros escritores, uma moça diz "colega" e eu não me importo deveras com isso, estou habituado a ser discriminado nos mais diversos sentidos, mesmo por aqueles que se apropriaram de um filosofia portuguesa, de uma antropologia portuguesa. Andava então eu, candidato a aluno da New School, entre sair e ficar em casa, procurando inventar qualquer coisa para fazer, não tinha certeza de nada, sabia que tinha um pai que não me ajudava em nada, isso era mais do que certo. Os meus livros, por outro lado, por mais genialmente tecidos estivessem, nunca sairiam da sombra se eu não fizesse alguma coisa, sem que os promovesse, de uma maneira ou de outra. Eu estava num campeonato nacional mas também em diversas outras frentes, a candidatura à New School havia avançado. Eu breve seria aluno de filosofia, no grau de doutoramento. Betty havia telefonado naquela tarde e eu ficara um pouco mais sossegado e, embora estivesse sem dinheiro, resolvi esperar ansiosamente pelo encontro do dia

seguinte na Pastelaria Versailles, talvez ela quisesse vir ter a casa como veio da primeira vez e fazer amor comigo, eu estava bem precisado disso e embora não fosse uma beleza estonteante, era uma pessoa que sabia falar e tinha um corpo bastante bonito, roliço, maneirinho, bem junto à minha medida. Decerto que para quem especula, os perigos de vir a encontrar o Nada, são mais do que muitos, mas veja-se que o Nada é, não somente em Nietzsche como em Heidegger, como em outros, até em Vattimo, é o princípio de muita coisa, do Tudo, em certo sentido, pois quando esgotamos a folha diante do punção da nossa mente, podemos fazer duas coisas bem diversas mas que se acertam nos termos do sentido da vida e da felicidade:; podemos mudar a folha ou dirigir o punção para outro lado, para outra forma, para outro lugar ou cenário, ou seja, precisamos sempre desse punção para não só nos sentirmos focados ao longo da nossa vida, como para nos sentirmos essencial e fundamentalmente vivos, porque na maior parte das vezes, ante a finitude, temos a tentação de quebrar nos propósitos e na alegria ou boa-disposição de espírito. Nada de mais enganador e digo-o eu que ainda não passei por lá, mas que tive certos vislumbres do que é o Outro lado, ou seja, viver enquanto estamos vivos é o maior lema a adoptar numa vida quer se quer sã e preenchida de coisas boas como o amor pelo próximo e pela próxima, conforme o caso, diga-se em abono da boa disposição.

Sim, embora estivesse envolto numa relação de amigos com Vera e numa troca de impressões com outra pessoa, que iria conhecer pessoalmente dentro de algum tempo, sentia-se só, procurava vencer a solidão (afectiva, antes demais) o melhor que podia, segundo a segundo, progredindo no espírito e procurando ter a mente ocupada e focada no essencial, mas tinha pouco dinheiro e no mundo de hoje falta de dinheiro é muitas vezes sinónimo de solidão e isolamento. Resisti à tentação de pôr alguma coisa mais no caderno de notas, uma espécie de diário que venho desenvolvendo e que constitui também fonte reprodutiva da minha **Teoria da Sociedade**, obra de fôlego que conto cumprir dentro de algum tempo, quando tiver tempo e pachorra, quando tiver sobretudo tempo e disponibilidade monetária para ocupar esse tempo na feitura, transcrição e aperfeiçoamento da obra. Oiço os meus passos, afinal os protagonistas fundiram-me em mim, receio não estar a escrever bem ou a não bem escrever, mas prossigo, nesta obra como se estivesse empreendendo uma tarefa metafísica da qual só o sujeito pensante se livra quando chegar ao ponto em que nada mais há a escavar na mente e no espaço em redor, o meu corpo percorre o frio da sal, admiro a cozinha, estou aqui há seis meses, exactamente desde trinta de Junho; já cá entraram diversas pessoas, uma já estive a dormir neste quarto que é agora estúdio, a família já cá esteve, mas permanece teimosamente um só corpo, deambulando, como se estivesse abandonado à sua sorte numa ala psiquiátrica, quanto mais puxa pela cabeça menos sentido a vida tem, sem um compromisso amoroso com alguém, enfim, um ombro amigo onde pousar o queixo depois dos *knockouts* do quotidiano. Estava, então, absorto nas minhas actividades quando me apercebi que seria tarde para a carreira de professor, talvez tarde para a tese, a não ser que chegasse algum dinheiro depressa. Eu gostaria de me dedicar exclusivamente

à leitura e ensino da Filosofia, mas tinha de ter um substrato de sustento económico e tal não estava acontecendo, de todo, antes pelo contrário, a minha irmã revelava-se cada vez mais irascível para comigo e, ao mesmo tempo, eu não pressentia nenhum apoio para o meu trabalho, fosse ele científico, literário, filosófico, pelo que decidi empreender a passagem a computador de *Teoria da Sociedade*, mantendo-me com os vinte euros que a minha irmã me dava diariamente, contratando um redactor que me fizesse o processamento de texto. Isto nada tem de literário, é apenas a minha vida a correr ao som da pena. O contrato com uma grande editora para publicar em papel *Caderno de Encargos* estava assinado. Agora só tinha de ir pagando, sim, que eles queriam que desembolsasse dois mil e seiscentos euros, só quando se perfizesse metade da quantia a obra avançaria para a tipografia. Eram mais de seis e meia da manhã, eu procurava não fumar, estava cansado e com fome, saíra por volta das duas para comer um *croissant* de chocolate com o último dinheiro que me restava, exactamente um euro...Ninguém me apoiava, nem um telefonema, nada, podia estar dormindo ou vendo televisão especado ante o ecrã, mas estava a reerguer a minha obra com esforço máximo e dedicação extrema...até doía a alma de coragem, a coragem que eu ainda tinha..

Levanto-me e esfrego os olhos, as fontes, a cabeça. Tudo está sobrelotado, continuo a minha escrita, o vizinho sai da porta, pensa que sou maricas, aparece sempre naquelas alturas em que ora estou a defecar na sanita, ora a dormir uma sesta, como se me quisesse dizer alguma coisa, quisesse alguma coisa comigo ou estivesse em competição comigo a propósito de mulheres ou o que quer que seja, não lhe dou muita confiança, pregou-me algumas partidas desde que aqui chegue, a esta casa onde estas paredes envelhecem docemente, onde a superfície do Ser estala de baixo para cima, de cima para baixo. A minha pulsão para um filosofia desenfreada, bem como a de ir a Nova Iorque, parece ter abrandado, além do mais estou sem cheta (não há nenhum escritor tão corajoso como eu, que se expõe tanto assim...) e vou investir na bolsa de apostas e nas explicações. Talvez deve também apostar no placard, já que sou bom em jogos desportivos.. Por uma razão ou outra, a minha mente está sempre no mesmo pensamento, de trás para a frente como eu no corredor e do corredor para a sala e a cozinha, se os medicamentos funcionassem deixaria de pensar **assim-assado**, simplesmente há pessoas que atribuem a outras pessoas os seus pensamentos mais libidinosos, mais sujos, mais obsessivos. Eu não, estranhamente, deixo-me navegar sobre eles e procuro ocupar-me, distrair-me, fazendo uma ou outra coisa útil. Muitas pessoas levam uma vida despreocupada, mas o que é isso? É algum tipo de vida? A vida com pré-ocupação é, mal sabem eles, os Outros, a vida por excelência. Sim, os personagens hão-de aparecer, mais tarde ou mais cedo, aqui ou ali, neste livro ou no próximo, nem que seja em *O Rei de Lisboa*, eu sinto isso, pressinto que terei distanciamento suficiente para os abordar..Rezo por isso. Entretanto, o transis, o trânsito do sistema na minha cabeça e nas zonas que eu não podia chegar pela percepção extrasensorial, modificara-se. Vira Mescla, uma jovem

ambiciosa no campo das artes performativas, que se cruzara por mim, era a guerra em Lisboa, a plena cidade do amor para malucos, ou seja, a plena *tropicalia canibalia* com sabor a azedume. Depois, Vera Baxter, com quem havia dormido, escusara-se a um encontro na Pastelaria Suíça, a pretexto de trabalho, fui comprar uma cerveja açoriana e fiquei pensando em tentar não pensar, não percebia bem o que se passava, eles tinham o meu pc monitorizado a ver o que eu fazia, ou simplesmente eram coisas que aconteciam, coincidências num mundo tão pequeno em que todos mais ou menos se desunham por ver, parecer, aparecer. É claro que eu não fazia tenção de conhecer nenhuma estrela de Hollywood, mas também não queria conhecer tampouco este sucedâneo de Hollywood, estava cansado de garotos e, além do mais, aquilo que sabia dava-me um certo reconforto. Face à finitude, a intencionalidade era quase frustrante, não alimentava nenhum tipo de desejo de vingança, apenas me ria de certas coisas que certas pessoas fazem, essencialmente o que têm ou não têm na cabeça. Dá-me vontade de rir. Mas, quer dizer, um tipo como eu, ainda jovem, ainda antropólogo, estaria condenado a passar o tempo entre dois lugares que lhe podia dar uma certa carga de frustração, ou seja, a casa dos pais, onde nem sequer podia ir de carro à cidade mais próxima, indo sempre ora de autocarro ora de comboio? Estaria para sempre condenado a andar de um lado para o outro na casa, nesta pequena cidade que tinha muito que fazer sob o ponto de vista social e cultural? Dava vontade de fumar um cigarro e olhar para o lado, mas eu não era desses, eu lutava, mesmo sem meios, sem apoios, sem cunhas e sem conhecimentos. Enquanto a maior parte lutava como crianças para ficar com uma fatia do bolo, eu comia a minha parte sossegadinho num canto sorvendo um livro e escrevendo umas coisas. Há mulheres que querem atenção, uma espécie de robô que obedeça aos seus desejos infinitos. Depois,

sentem-se frustradas. Mas há também aquelas que não querem atenção nenhuma, que querem apenas um capacho para sair como se fosse um segurança pessoal, depois fazer amor fazem com um qualquer, desde que haja dinheiro. Se as histórias de amor mais belas são aquelas em que o dinheiro e a posse de bens escasseia, a sociedade actual não tem nada disso. Há relações com bens, a maioria, e relações de pobretana, algumas, românticas q.b. Neste aspecto, a mulher é bem mais prática que o homem, para este qualquer uma serve, desde que seja boa na cama...

Sim, o que tinha de mais certo seria mesmo a minha escrita, não com a vontade de agradar a toda a gente, sobretudo mesmo com a vontade de não agradar a ninguém senão eu próprio. Eu não estava em Riachos sobretudo pela razão pela qual me senti lá só e acabava sempre por me chatear com alguém, fosse com a minha mãe, fosse com a minha irmã ou o meu pai. Era triste, acabar a noite na Casa do Jardim sem motivo aparente para o qual. De menino obediente e bom aluno, um pouco frustrado com as mulheres, mas exercendo sempre a elas um certo fascínio e atracção, eu passava a ser um homem com algum poder e influência, que parecia aumentar quanto menos dinheiro tinha, quanto mais tempo por aqui passava. O objectivo Nova Iorque permanecia aceso... O irónico é que continuo só, no meio do apartamento, aproveitando a vista da rua das diversas janelas. Há minha frente tenho somente o tempo, o tempo que me leva daqui a ali, de um lado para o outro, já cansado. "Se não te deste a ninguém/Magoaste alguém". O refrão da canção voltava a ecoar na minha cabeça. Mas não foi bem assim que se passou, caro Tiago Bettencourt. Ninguém me descobriu, talvez porque tivesse medo de me perder, de perder, na verdade não sou daqui e isso acabou em revolta, pelo ânimo que causava nelas, e quando eu quis, elas, em vingança, não quiseram, de modo que me passou tudo ao lado. É isso que eu penso. Além do mais, o objectivo da mulher é projectar nos homens os seus sofrimentos e desilusões. Gostam de ver um homem sofrer, de carência, de dor interna, de doença, servem-se dele para isso. Não esquecem os problemas, simplesmente não os sabem resolver, quando o homem sabe e por isso o torturam. Há nas mulheres uma espécie de masoquismo e crueldade para com os homens que ainda não percebi, ao fim de tanto tempo. Ou percebi, agora que detêm mais poder, servem-se dele à brava. Depois admiram-se que os homens se voltem para eles. Em tempo de angústia, sofrimento,

necessidade e dor, poucas são as mulheres que aparecem, lembro-me de algumas, como Crissie Hinde ou a minha irmã, mas a maior parte delas, sobretudo as daqui, acabam numa discoteca e fodendo um tipo que nada lhes diz respeito, cultivando de dia uma imagem de dona de casa doméstica religiosamente convicta para com a sua comunidade. Por isso, nunca hei-de perceber as gajas daqui, desta cidade. O que tenho passado às mãos desta gente não se pode contar em poucas linhas. Não levam nada a sério, num repente fazem festa sobre tudo e mais alguma coisa e o país continua assim, atrasado e subdesenvolvido. É uma mentalidade que não percebo e ainda por cima conhecem-se todos uns aos outros, podia fazer as coisas bem melhor, mas como não contam com a minha ajuda eu reservo-me mais ou menos a tarefa de estar no meu canto fazendo as minhas coisas, por brio pessoal e profissional, não para lhes agradar, pois há muito que sou um tipo bem sucedido e que não tem contas a prestar a ninguém. Aquele que fica com as mulheres que, de resto, não são grande coisa, nem intelectual nem fisicamente, é aquele que tem dinheiro, no momento, não depois dele, não o tipo ajuizado, mas aquele que dá festa. Por isso criei o *Rei de Lisboa*, romance que vou desenvolver nos próximos tempos com o tempo devido, talvez ao mesmo tempo ou antes de *Uma Teoria da Sociedade*.

Deito-me um pouco, o vizinho de baixo continua a falar sobre mim com a mulher. Descanso um pouco, entretanto passa a febre, como um pouco de gelado. Penso em Riachos, que persisto em visitar sob pretexto de má condição financeira, sociológica. Procuro arrumar os meus pensamentos na cabeça, não me nutre as ideias o pensar em alguma mulher em especial, pelo que cheio de frio, volto para a cama para arrumar mais umas coisas. Os pensamentos sucedem-me penso em pessoas exigentes e insuportáveis. Talvez seja uma delas, em certo sentido. Combati o sistema e sou rejeitado por ele, talvez não para sempre, estas coisas servem para reafirmar o sistema e o *status quo* das coisas e das pessoa. Eles precisam disso. Torna-se um tormento existir, um tormento persistir. Exige muita força de vontade, retirada não se sabe de onde. Por isso a cidade é cruel e os seres que nela habitam são cruéis, exigem apenas e tão somente que nos lembremos deles e nada dão em troca senão o seu ar de superioridade. Entretanto, recebo um convite de Ema para beber um copo no B.Leza, um bar certamente *in* da cidade. Não sei...estive tanto tempo à espera e agora isto? Parece-me a pouco, mas se calhar vou aproveitar. Quase endoideço, por tudo e por nada, usualmente por nada, o tudo e o todo não me atrapalham nem um pouquinho. Depois, sempre a questão económica, monetária. Oiço a canção e penso do divertimento fácil dos outros e na teimosia de estar em casa, andando de um lado para o outro... Afinal estou no caminho certo. Estar sozinho torna-me mais forte. É que tenho uma certa resistência à loucura, à abjecção, ao bizarro e aos pensamentos que habitam qualquer coisa, que nos habitam fora da mente... Depois, o Rafa quer agora o monitor, não fala nisso declaradamente, na altura não o quis, agora vem perguntar por ele, eu perguntei ao seu pai se podia ficar com ele, as coisas do mundo são muitas vezes mais infinitas que o próprio infinito, mais transcendentas que a própria

complexidade do transcendente que é como que puxado para cima para uso de nós, humanos...

Sim, parece que a humanidade está perdida, está-se perdendo em entropia, talvez não seja alucinação minha e nem vale a pena protestas, as coisas simplesmente acontecem e não pedem para chegar, o Mal ou o Bem, na mente ou fora do alcance mental das pessoas face às coisas, aos acontecimentos da vida quotidiana, sejam quezílias familiares, sejam problemas sociais, mas o certo que há pouco quem, como eu, por exemplo, tente unir as coisas, fazer ligações, fazer sentido e, pondo as coisas nestes termos, enquanto houver uma só pessoa que procure fazer sentido na terra, mesmo que seja o último sobrevivente da espécie, há sempre lugar para a esperança na raça humana. Ao mesmo tempo, penso na minha mais-que-perfeita família e no meu papel de tio e no facto de a minha mãe não querer grandes visitas por lá, talvez seja pelo facto de se sentir bem como está, não querendo nem admitindo grandes perturbações no seu quotidiano. Esta concepção vista, menos festiva do que as dos naturais de cá, esta fortemente arreigada também no meu espírito e tem essencialmente a ver com o facto de termos estado em França: as vitórias têm de ser vitórias efectivas, senão não vale a pena celebrá-las. Depois, percebi que Ema não sabia beijar, cerrava os dentes e quase mordida a minha língua, como se ma quisesse arrancar por eu falar demais...A mulher não gosta das coisas preparadas, pensadas, principalmente a mulher portuguesa deste tempo, foge a isso como se fugisse do diabo, que uma música de improvisação por parte do macho e se vier um carro, uma casa, emprego, dinheiro para as lides sociais, está apanhada. Toda a minha vida empreguei em tentar compreender as mulheres daqui e è a essa conclusão que chego, peremptoriamente. Elas não gostam de ser perscrutadas, compreendidas, em certo sentido, pois querem ser elas a fazer as coisas, a terem iniciativa, por isso muitas não admitem os problemas que têm e que podiam

facilmente resolvidos pelo seu companheiro, do meu ponto de vista, que te o *savoir-faire*, a prática das coisas. Mas é assim a vida, os que têm tudo nunca estão felizes, satisfeitos, procuram sempre mais e mais; os que têm pouco nunca estão contentes com o que têm, pouco ou remendado. Talvez a felicidade esteja não no ter, no aproveitar, mas precisamente, como já disse em diversas ocasiões, na procurada, no enlaçamento com a realidade, com uma realidade que simplesmente não existe, disse há pouco tempo um jovem filósofo francês. E, assim, talvez não tenha mais boas notícias este ano, teria mais se tivesse já em Riachos, mas tenho o pressentimento, oxalá me engane, que este ano, mais propriamente esta passagem de ano, não vou ter algo de muito mais, nem mais uma boa surpresa do que a edição de um livro em papel para o público em geral, a candidatura à New School, mas enfim, resta-me sentir-me bem por as coisas não estarem pior, os miúdos estão bem, o meu irmão, embora não diga grande coisa, parece estar bem com os seus. De resto, que mais de bom poderia acontecer? Mais livros para editar (é nisso que eu trabalho todo o tempo)? Uma efectiva matrícula na New School, um novo amor? De resto, já estou mais ou menos servido nesse aspecto, como noutros, tenho imenso trabalho que fazer, como já dizia acima, ao que se acrescentam as explicações e a alimentação da ideia do IES. No entanto, desistira um pouco do Ensaio sobre a Finitude, mas sabia intimamente que, mais tarde ou mais cedo, iria ser assaltado e perseguido por essa questão, afinal, o que pode o homem fazer ante a sua finitude? Ele não vê a sua finitude, presente-a pelo jogo social, ele vê sempre a finitude do Outro reflectida na sua existência. Mas enfim, depois coloquei-me a seguinte questão: as respostas para o mundo do Além não estão certamente contidas neles, mas neste mundo, na medida em que o Mundo do além por si só não tem respostas e pelo facto de o mundo dali, do Além, é uma

criação do mundo daqui, como se a transcendência desse ao homem uma resposta sobre as suas possibilidades de existência, de perduro neste mundo e compleção no Outro. De algum modo, o mundo do Além é o Outro, o pequeno e o grande outro... Assim, estas duas importantes questões tiraram-me da leitura, ou releitura, de *A Náusea*, de Sartre, mas sei que poderia andar uns dias entretido por este autor que sempre fora um dos meus favoritos..

Afinal de contas, sei porque o meu melhor amigo morrera no ano passado, precisamente de náusea, ante Si e os outros, o mundo, ante um sentimento de saturação e ao mesmo tempo de esvaimento do ser, de esvaziamento todas importâncias existenciais face à contingência, ideia que pode muito bem trair o mais incauto, aquele que não sabe o que se está a passar com a sua vida e permitir ou forçar que se vá abaixo, insidiosamente, cruelmente... Assim, a existência é potência para fazer algo no âmbito da contingência tendo por horizonte a finitude. Tendo agora uma relação, como que dizia às "gajas podres de boas", da minha idade e geração, "estou agora aqui, bem contentinho, venham-me buscar e ainda assim não sei". E vida é isto: estou um pouco amargurado, triste com a situação de mais ou menos frio senti-mental lá em Riachos, mas continuo, em tom progressivo, Norma promete-me(se) uma noite de amor, acordando juntos no dia seguyinte, o que para mim é bom, dado que não tenho tido muita sorte ultimamente, talvez seja um tipo pouco interessante, que não dança somente quando está eufórico, isto somando um certo número de factores, que já mencionei acima, juntamente com o facto de ser um tipo intelectual, não ajuda muito, pois aquelas que são intelectuais, tirando Ema, são pretensiosamente

intelectuais ou cultas, para mim face a elas poderia ter muito com que digladiar, de um lado ou de outro, no sentido positivo ou negativo, mas isso talvez ainda esteja bem para vir, nunca se sabe, também trabalho em torno disso. Entretanto, tenho ideia de um livro, de pura filosofia, com nome *On Purpose*, ou seja, procuro indagar sobre os motivos, a motivação, da acção humana e inclusive o propósito do pensamento, a acção burilada do espírito, depois de ter ficado até às sete da manhã fazendo downloads de livros e procurando um meio de ganhar dinheiro, deito-me um pouco cansado e hoje, por exemplo, acordo nada cansado e bem-disposto, saio logo pela manhã, onze e meia, para dar um giro e aproveitar o sol e tenho-me sentido bem, nada indica que tenha uma doença venérea ou sexualmente transmissível, como sugere Ema, está em risco o jantar de logo à noite a Passagem de Ano com alguém junto de mim, mas nunca se sabe, as mulheres são assim, repentinas, emocionais, logo mudam de direcção para a frente quando o caminho está livre.

Afinal, o que fica desta vida? Onde está a felicidade? Ela constrói-se? Como e durante quanto tempo? O que fica desta vida, afinal...talvez a relações das pessoas com outras pessoas, as relações sociais, as relações humanas. Na campa, depois de morrermos, Deus não nos visita, deixa-nos ao abandono, como se nem sequer tivéssemos vivido. Se Ele existe não há sofrimento e como se pode medir o sofrimento? Ele é preparativo do amor e da felicidade? Amar não é também sofrer? Sim, Deus não nos visita depois de estarmos abaixo de cão, ou seja, debaixo da terra, mas quem nos visita é sempre uma pessoa, duas, aqueles que nos marcaram e a quem marcámos. Depois, talvez um cão e umas formigas que reconhecem, de uma maneira ou de outra, o nosso cheiro característico, por fim, talvez um gato amigo daquele que tínhamos em casa, no quintal, no jardim, no quarto... Outra questão é: se Deus nos visita, aí eu acredito que ele existe. Temos duas opções: Deus pode simplesmente, em vida, Ser uma câmara que grava a nossa biografia para fins militares e científico (num regime de "observer-observed"), mas essa câmara pode nem sequer existir, logo Deus não existe senão enquanto força representativa do grupo, dos grupos, teoricamente, aí vivemos uma vida perfeitamente ecológica, em conseitaneidade com o Meio, o Clima, a Natura...

Abro o frigorífico e vejo o seu interior. Não tem muita coisa. Talvez reflecta apenas o estado de um antrofilósofo algo confundido e perturbado com a realidade. Ou apenas talvez, carente de companhia. A minha posição ante o mundo é, assim dúbia: comprometo-me mas apenas sob diversas condições e crio efectivamente uma resitência à dor, apenas e tão-só para estudar filosofia, o que não fiz em toda a minha vida, o que me dá tristeza e é, ao mesmo tempo, a minha felicidade, como que se me alimentasse de um angústia feliz face ao dia e ao tempo, face à biografia e à persistência face às coisas. Lembrei-me de substituir a "náusea" com outra ideia, talvez mais derridiana, mas ainda não me surgiu nada, nem vá surgir para já, nos próximos momentos. A expressão que mais encontro de semelhante à "náusea" será a de "vão", vão da existência, vão da consciência, mas decerto que me irá ocorrer mais cedo ao mais tarde nas próximas horas, está já registado na minha mente um conceito do género, talvez um pouco combinando esse enjoo ante a realidade e a realidade que se é, como *dasein* heideggeriano. E, assim, enquanto procuro forçosamente a melhor forma de ser feliz, ainda não chegando, não me apercebo de que posso estar sendo feliz, que a felicidade passa por pequenas coisas, pequenos gestos e beijos, pequenos sentimentos que se vão transformando em grandes sentimentos. Imagina Caeiro dançando numa disco e atraindo sobre si, enquanto *pop-philosopher*, o olhar embevecido das miúdas roendo os lábios e puxando os cabelos, como acontecia na época áurea dos Beatles e Beatnicks. Também eu, enquanto seu antigo discípulo, fazia uma gracinha do género. Tal e qual, enquanto eu me concentrava no baloiçar das maminhas delas...

Daí a importância do filósofo no dia de hoje, tempos confusos, onde o espartilhamento da realidade, das visões e dos valores é uma tarefa que se verifica quotidianamente, continuamente, levando a raça humana ao quase-desastre, à situação de pré-desastre em que se encontra. Há que veja nesta vertigem razões para viver, eu vejo, por um lado, mas não quero abrir mão de um certo número de convicções de que importa não abrir mão, só para ir com calma. Também eu suspendi tudo, quase toda a minha existência e chego a um lugar feliz de contemplação produtiva não só em relação ao que fiz, cujos escritos não sou revisionista, porque não posso, simplesmente, nem sei, perder tempo, "há sempre qualquer coisa a fazer" e esse é o grito destes tempo hipermodernos, a voz essencial na aurora a reter e fazer proliferar. O que parece não é: a condição de perpetuidade de um estado de coisas, de um costume a partir do qual o filósofo se afasta, é garantia e reafirmação da ordem social existente, de um dado estado de coisas, como se o corpo de filósofo levantasse voo rasante sobre as águas do saber, de um conjunto de salas com motivo próprio, anexo ao seu sentido de interrogação, sendo que numa sala (se) corta a respiração e noutra, sobrevoando os conceito mais diversos, já se pode respirar, ainda que haja um último cigarro no último dos dias... O perigo de instar ao pensamento, porém, junta-se à culpa psicanalítica do filósofo, sobre o pai, sobre a mãe, sobre a família interna, intensa e extensa, como se a fórmula da salvação da humanidade fosse a recusa do divertimento e dos amores mais ou menos fáceis. Que culpa carrega, então o filósofo? A culpa de não ser melhor, de ter ousado salvar o mundo pela sua descodificação ante a morte, por estranho que parece, entre as cinzas gerar vida, porque de pensamento seu Ser feito, gerar vir, gerar-se e auto(re)ge(ne)rar-se, pelo olhar, pelo respeito do Outro e de Si Mesmo, pela palavra,

pensada, dita, ouvida, reproduzível em papel. Quanto ao preceito de eu não ter mulher, sugerido no *Amarcord*, de Fellini, tal reside no facto de eu ser, por boas e más razões, conhecido na cidade e não estar em disposição de abandonar tão cedo. Claro que quero e gosto que as mulheres suspirem por mim. Mas, de algum modo, a minha falta de sucesso no sexo contrário tem eventualmente a ver com o facto de eu estar aqui e estar aqui há uma certa quantidade de tempo, pois se estivesse noutra cidade, ou se me mudasse de cidade em cidade, melhor, viajasse de cidade em cidade, a minha condição face ao sexo oposto seria certamente outra. Outro é o facto não ter trabalho institucional, trabalho por minha conta, seja no IES seja na escrita. E quando assim é, passa-se certamente mal e muitos momentos sós, mas a obra que eu construí até agora é função e resultado disso mesmo, da solidão, rejeitei muitas mulheres para a poder erigir e não sei se assim continuarei, como e de que modo continuarei...

Estive para escrever "O Medo da Finitude, Diálogo com um Cigarro", alguma coisa de certo modo teatral, mas pensei em rendimentos para sustentar a minha imaginação, este meu ofício da escrita, depois de aturada conversa com a minha irmã, que já não aguenta mais o suporte financeiro que me dá para a minha obra, que é mesmo assim, se não fosse ela e o meu sacrifício, não tinha escrito nada desde os 35 anos, altura em que me reformei e iniciei esta grande aventura que parece não acabar, pois tenho sempre mais e mais assuntos com que ou sobre que escrever e parece que temas não faltam, essencialmente, diria, atentei nas palavras de Heraclito e na sua consciência óbvia do Devir, parece que é coisa mais certa e mais padronizada que a nossa sociedade tem. Depois, na sala, andando de um lado para o outro, fazendo download de clássicos gregos e romanos, encontrei, melhor, dei-me conta, de um espaço em

branco na sala onde colocar uma enorme prateleira que, supostamente, iria acolher os meus livros comprados depois de mais ou menos próxima morte do meu pai, não podia jogar muito com isso, pois eu podia ir (para lá, no Além), antes dele ou, como ele próprio dissera á minha mãe, ao mesmo tempo que eles os dois, de forma que estava um pouco rompendo com esse dito, essa fatalidade, pois eu queria viver mais e mais, fazer mais e mais e sentia-me acondicionado (e acondicionado o meu saber) a um apartamento e diversos locais de interessa, mormente bibliotecas, que tinha de repisar...

E, como faço este relato, o que faço com ele, será ele uma certa justificação metafísica no âmbito do direito metafísico? E haverá nele uma forma qualquer de dignidade existencial? Bem, tenho o que outros não têm, sofri o que outros não sofreram, mais achaques e críticas de um lado e do outro, quase obrigado a ser cruel e duro, muito duro em certas circunstâncias, quando sempre fui um sujeito meigo e ternurento. É isto que a sociedade faz dos jovens? Oiço Sétima Legião. O meu coração vibra à razão dos seus batimentos. Muitos problemas tenho, muitos mais terei se me entregar derrotado a eles, agora má relação com a minha irmã e irmão que nada diz. Estou como que esquecido, evitando enlouquecer, sim, porque não atribuo a mim mesmo algum grau de irracionalidade, porque afinal escritor é o que entrega aos outros a sua vida e a dos personagens, dos sentimentos, dos pensamentos e reflexões...

Eu tardava em mudar de vida, investia mais e mais nas minhas convicções, ou seja, o estudo e escrita da filosofia e da ficção, o empreendimento do Instituto IES, as explicações, a leccionação da licenciatura em Filosofia, estando bastante tempo online, frente ao computador e mesmo assim, procurava uma relação com alguém, mas não tinha

grande sorte e isso talvez se devesse às coisas que eu fazia, ou não fazia, havia qualquer coisa que, por mais esforço, dedicação e génio tivesse nos empreendimentos e tarefas, acabava por não dar certo, assim como as mulheres, que me abandonavam sem mais nem menos, ficando eu exaurido de cansaço por fazer mil e uma coisas só e sem amparo ou diálogo interlocutor. Era a vida, deitava-me um pouco, comia um pouco do gelado de avelã, fumava um cigarro, voltava a deitar-me, como se recuperando o tempo perdido que gastava andando de um lado para o outro. A vida tinha-me sido cruel o bastante para andar desanimado, mas eu não estava, talvez por inspiração de um ou outro professor, confesso. A vida era-me tal como a tinha, como a levava, como a conduzia, afinal tinha até uma vida de fazer inveja, embora não tivesse ou fosse aquelas coisas que os outros têm ou são... Talvez estivesse sendo feliz, fazendo as coisas por minha iniciativa, sem esperar pelo olhar aprovador ou o conselho dos outros...

Estou diante do ecrã, desisti da internet por uns instantes. Daqui a pouco vou comprar tabaco, tenho dois ou três, três ou quatro para fumar. Merda para isto, tenho de continuar a escrever para me sentir vivo, para alcançar aquele estado de graça que permite deixar um campeonato para o Sporting. O ar e o fumo inalado retêm-se nos pulmões com força, com pressão. Não corto as veias, os veios, do pulso, para que o sangue corra, escorra e se limpe, porque acredito que tenho uma outra veia, uma veia de poesia e prosa sobre o mundo, sobre o mundo que sou, o mundo que se me dá viver, contemplar, amar, sempre, andando em linha de esgueira para a frente, deixando para trás os problemas, deixando as coisas vazias no lugar que lhes pertence, ainda que não vá a Nova Iorque aqui estarei, entre Lisboa e Riachos, com tudo mais ou menos platonicamente controlado. No fundo, sou um poeta que não se chegou a revelar. Por isso escrevo estas coisas. Por isso estou feito parvo sem televisão, telemóvel, telefone fixo, na noite de 2017 para 2018. O vinho tem um fundinho, tenho essencialmente um pouco de Cola e um gelado já encertado, devo fazer uma massa esparguete com carne picada à bolonhesa. Acabando, ainda estou à espera que Ema me diga alguma coisa. Retraíu-se e eu dei-lhe força. Talvez me ligue, talvez venha. Talvez não, não alimento demasiadas esperanças. Estou tonto, perco o tino, comendo gelado. Não gosto desta vida, queria sair daqui e percorre o mundo, tenho medo de morrer por aqui, desguarnecido, desgovernado, louco. Não gosto daqui mas ao mesmo tempo gosto, gosto da vida que tenho e quero ficar aqui, fazer as coisas que faço e que sempre fiz, talvez repetidamente com pozinhos de outra que vive ou heide viver ainda melhor.

Então pergunto-me: todos os homens têm problemas com mulheres? Todos os filósofos têm problemas com as mulheres? Logo, se eu sou filósofo, pelo menos assim me apresento, tenho problemas com as mulheres. E isto deve-se não somente à falta de certos itens que permitem um relacionamento mais ou menos duradouro, mas a uma certa forma de estar que me é característica e que não as atrai ou que elas não suportam durante longo tempo. Sim, depois a minha vida sexual fica a perder e lá vai porno e putedo. Quanto mais elas me rejeitam, mais isto aumenta e incandeia, num ciclo vicioso eterno que só acaba com a minha morte ou talvez se perpetue infernalmente depois dela, para com elas. Não desespero, há bastantes tipos que são bem mais tristes do que eu: por um lado, não sou assim tão mal sucedido quanto isso, tive seis, sete mulheres por curto períodos, é certo, mas foram elas que desistiram, não eu. Para mim, eu sou tão magnânimo que aceito qualquer mulher, desde que não seja feia. Muitos não são assim, especializam-se nas tipas. Esses gajos assustam-me e stou em vias de me tornar um deles, apesar de viver só e sentir neste momento uma irreprimível vontade de amar que me espera e desespera, que me consume e impede até de me concentrar na leitura, coisa que gosto bastante de fazer. Há mulheres e mulher, há mar e mar, há ir e voltar. Mas elas não voltara, excepto Tísia, que me pôs um ultimato para ficar noivado dela, coisa que eu não aceitei. Ela disse, por fim, que não gostava de mim. Antropólogo sofre...escritor pena a epna suspensa pelo pescoço...Depois pensei assim "não causas má figura", já havia pensado isto, só precisas é de encontrar um ponto de encontro, um local onde perdue a tua presença e onde alguém possa ir ter contigo, falar contigo, encontrar-te, porque assim não te encontrar, andas deambulando de um lado para o outro (como no interior do teu apartamento), ainda por cima sempre com o mesmo percurso. Isso dura há quanto tempo, Joseph? Hum,

seis, sete anos, desde que deixei Edna... Aproxima-se o fim de ano e continuas escrevendo, precisas de uma cura psicanalítica e força na verga, pá, é triste ver-te assim, um sujeito tão válido, a perderes-te, logo por causa das mulheres, será baixa auto-estima que tu tens, ou não tens? Sabe-se lá, também é da cidade, que não proporciona, onde há grupinhos e mais grupinhos que se digladiam e riem uns dos outros... Ainda assim, desde que não tens televisão nem telefone, as coisas melhoraram bastante, à custa, de resto, com um esforço ingente **de anima**... Depois, este pequeno país vive à custa de grandes heróis: a maior parte dos seus habitantes faz que trabalha, procura viver a vida sem grandes responsabilidades, espalham alegria por todo o lado e não olham a quem fazer o bem, alguns, porque outros são como ratos ou ratazanas que só sabem infernizar a vida aos outros. Um país onde todos, de uma ou outra maneira, se conhecem, devia "funcionar" melhor, mas não, cada vez há mais violência doméstica e violência na estrada, aumentam os índices de corrupção e negócios a ela associados. Depois, quando a reputação de uma pessoa é manchada, como é a minha, por exemplo e em parte, difícil é recuperá-la, porque o país é de velhos e conservadores que adotam tudo e mais alguma coisa que vem de fora, Inglaterra, EUA e França, principalmente. Um país assim deveria criar realidades (industriais) intrínsecas, bem como ter melhores escolas de filosofia e ciências sociais. O índice de tudo isto é que se passam meses e meses sem um cientista social ir à TV, anos sem um filósofo ir à TV... Será que são, todos eles, pouco fotogénicos?

Uma mancha de óleo de atum ficou na coxa das minhas calças cinzento-escuro. Sentia-me fraco, mas continuava. Fiz downloads de vários pdf's de Filosofia. Parei de mim mesmo para mim mesmo e comigo mesmo. Ainda não era meia-noite, faltavam pouco menos de duas horas. Ouvi *Simply Red* e preparava mais um *Rothmans* azul. Alguma coisa tem de se fazer, alguma coisa se pode fazer, não é só escrever, ficções, filosofia, ensaios, teoria social, temos por vezes de dar um tempo a nos mesmos. Desliguei o pc na expectativa de o voltar a ligar mais dali a pouco, a rede é do Café por debaixo do prédio, o Espalmadinho, oxalá o senhor não note que fiz, ontem à noite e hoje à noite, um montão de downloads de livros em pdf. Oxalá...de resto estou salvo para o dia, para os dias que se hão-de seguir, penso para comigo mesmo que podia estar aqui escrevendo, pensando e por vezes falando comigo mesmo toda a eternidade que me é concedida por Deus e pela saúde que me implemento, mas tenho de retomar um quotidiano mais ou menos forte, determinado, ocupado com as coisas que sempre quis fazer. Depois, o gosto da leitura parece estar reaparecendo, à medida que me torno mais dócil, mesmo com a expectativa de ir a Nova Iorque. Eu quase não estou vivo, i.e., levo uma existência secreta, discreta, quando morrer, morrerrei logo para sempre. Estava destinado ter de ir à América antes de vir acabar aqui, a esta cidade ingrata onde ouso em descobrir sempre coisas novas e evitar ter a visão miserabilista da vida que a minha irmã acabou por vir a ter dadas as suas contingências de vida. Os meus dias passavam-se assim, entre a melancolia, a profunda tristeza por não ter ninguém com quem partilhar ideias e sentimento, a consciência de sempre ter sido um sujeito válido, que sempre se propôs fazer coisas e mais coisas e que raramente teve apoio, acabando por fazer bastantes coisas, originais, de resto, bastante só e desguarnecido, tendo aguentado o barco da

filosofia e da antropologia com vinte euros diários da irmã, uma lengalenga que já mete nojo e que não me envergonha em nada, mas sobretudo àqueles que me poderiam ter deitado a mão e o não fizeram, aparecendo alguns discretamente para o final, tal como a voz sussurrante junto à porta ao acordar pela manhã... Por questão de datas e efémeras efemeridades, vou-me deitar antes da meia-noite, desligando tudo, como quem sonha com o dia do futuro, o dia do amanhã...

Voltei ao mesmo posto, um lugar de ressentimento e alegria, cada vez mais alegria e, começando pelas boas notícias, talvez tenha conseguido uma forma de arranjar algum dinheiro, pelo menos para a discussão da tese, os marados dois mil e quinhentos euros, vendendo umas casas em Riachos, precisamente (!). Ema voltou a falar-me, precisa de cinco mil para resolver uns problemas familiares e meteu-se no imobiliário para que tal acontece, entretanto eu fui na sua lengalenga e dei-lhe algumas referências, dados que poucos dão e ela parece ter-se aproveitado...mas nada pode fazer, pois eu sou mediador, de certa maneira, porque sou da terra. Podia não lhe ter dito nada, mas tive compaixão dele e de mim próprio, fui um pouco passarinho, ela desligou logo não sei porquê, mas não vou perder o tento à coisa, mas enfim, nada de muito mais teria de dizer a propósito destas narrativas mais ou menos singulares, continuo atravancado na minha zona de felicidade e creio mesmo que descobri uma forma secreta de como ser feliz e m qualquer lugar do planeta, em consentaneidade com os locais, nós próprios e a natureza (cultural e física) envolvente: com OCD, com CD quem ganha é você dizia o Victor que outras esferas de senso e pensamento têm. Sim, tinha bastantes coisas para enredar neste enredo, mas ela acabou por desligar, quase sem dizer nada, isto é preciso grande persistência, esta cidade está dispersa e confusa de ideias, uma nova mentalidade se está criando, já não é amor e uma cabana como dantes, hoje em dias a vulnerabilidade dos estranho menos afoitos (estranhos serem estranhos relativamente inocentes...) e estou eu aqui a julgá-la, poderá estar a passar grande dificuldades, mas eu posso olhar para mim, pouca gente me estendeu a mão quando passei dificuldades, família e pouco mais e estou aqui, forte, cada vez mais forte, embora não tenha o dinheiro necessário para os meus objectivos e coisas demais precisas a um

apenas redactor, narrador, que não quer já ficar na história nem tem pressa de ser famoso, apenas quer continuar o seu trabalho de presti-digitação..

Eu sei, Lisboa é uma aldeia, parvos, o mundo não está para quem participa em lutas de galos. Esses são e sempre serão os palhaços mais tristes neste circo. Ema apenas me queria testar, a ver até onde iria a minha ambição de discutir uma tese, eu afinal faço-o como porta ou janela a em emprego, não sinto especial necessidade de marcar um ponto de vista ou entrar em efémeras e fúteis lutas de galos académicas. Afinal, anda meia cidade à minha procura, falando de mim, afinal há um certo sentido de universalidade e sapiência, como diria o Victor, eu disse-lhe o que o Victor me disse antes de morrer, como que está profetizado (por ele, boa ideia) que, quando isto for abaixo, virão pedir-me ajuda. Isso irá acontecer? Já aconteceu...pior, já se fala nisso, nesses tempos de penumbra e o que eu estou escrevendo está precisamente a cumprir esse desígnio, porque eu ainda não desisti, nunca fui de o desistir, sempre fui, em vários sentidos, o melhor, porventura até em outras áreas que não a minha, mas na minha terei sido certamente o melhor que apareceu, mas que muitos tentam abafar, verdade essa que muitos tentam negar mas que se virá a impor com tempo, com o tempo, no seu tempo, além das críticas acintosas da maioria, porque, afinal, a maioria está errada...contra um só ontem, cujo espírito tanto impele como abranda o pensamento individual e colectivo. E eu não conseguia dormir, entre a necessidade de discutir uma tese, quando já tinha a seguinte pronta, não abandonava o meu espírito, mas como nunca fora dogmático (como representava a minha opção pelos franciscanos, ao invés dos dominicanos ou mesmo dos jesuítas), não sei que tipo de professor seria, mas essa discussão podia dar-me um certo sentimento de segurança profissional, mas sei que teria acesso a uma prole e a um magma de tremenda instabilidade psíquica, talvez por gostar dos ambientes mais pequenos. Lisboa era uma cidade

transformada pelo capitalismo desenfreado e nisso a religião não tinha causado algum mínimo entrave...de modo que não sabia entre optar por ele, por ela ou pelo comunismo do local onde vivia, ou ficar-me pelo meu socialismo de inspiração cristã, a coisa era tão chata que eu procurava estar calmo e vivendo as minhas coisas, tirando delas o maior prazer que podia tirar, sobretudo não tendo pressa de ser genial e ostentando socialmente algum respeito por mim próprio, pelo meu caminho, biografia e sobretudo pelo meu esforço, porque a todo o tempo aparecia abutres e corvos, novos ou velhos, armados de dentes e lanças para nos comer, nesta *canibalia tropicalia* era assim mesmo, pouca gente tinha o sentido do que é ou não digno de se ver, fazer, dizer, uns mais refinados, outros mais ou menos outros, nada ainda muito menos. Antes havia sido passivo e tolerante com muita coisa, não seria muito mais, nunca mais seria mais, sobretudo porque sentia uma espécie de justiça sobre mim, sentia uma espécie de ditadura própria de países que se apoucam diante dos outros e se contentam com uma espécie de subserviente pequenês face a outros: falar de tudo, criticar tudo e todos, em tom trocista, de gozo, de humilhação diversas, especialmente direccionada àquele que vêem da religião. Assim pensam as pessoas: deixo-me ir abaixo neste bocadito de terra, então deixa-me ser mau enquanto é tempo que pode ser lucre com isso. É assim que a maior parte deles pensam, jovens incluídos, ou talvez pensem que este país é muito grande (também eu...) e não se apercebam do mal que lhe estão fazendo (incluindo a eles próprios) pensando assim..

Depois, percebi que muitos homens e mulheres fumava precisamente por serem gays, talvez não oficialmente, isto era negro de pensar, seria como que um escape à pressão social, enfim, muitos gostam de a sentir como uma forma de conseguir algo socialmente, a mim também me acontece, um dia ou noutro, em pequeno era conhecido por diversos nomes, desde "bebé" a "coelhinho da Páscoa" até Toulouse-Latrec. Nesse dia, logo pela manhã, senti-me bem, levantei sem ardor, mas logo depois de ver o email, senti-me encharcado de revolta, Ema tinha deixado de ser minha amiga no facebook porque eu tinha respondido, tou como gaja que aqui esteve? A delirar? Tinha criticado um amigo dele. Ora, se ela me põe à frente dos amigos, e estou eu para servir de bobo, isto é uma batalha desigual, ainda para mais por uma velhota. Eu sabia que, qualquer dia, me viriam a aparecer as tipas todas do ISCTE que eu não comi, que me quiseram ou não comer, isto havia de me aparecer tipo um desfile sob o meu olhar, para me lembrar que eu só queria era acabar o curso, queria lá saber do sexo para alguma coisa... Sim, podia romancear toda esta questão, fazer parecer que estes acontecimentos tinham a ver com uma ou outra personagens fictícias, afinal em literatura tudo fica bem (tudo é possível?), afinal há que pense que literatura e ciências sociais não combinar, porque não nenhum tipo de exactidão nos fomentos e sentimentos literários e que nada há de científico na balofa literatura que por aqui se faz a rodos, num espécie de circo homicida e metafórico em que vale tudo e mais alguma coisa, matar virtualmente, matar pela TV, pela rádio, ainda o povo, os seus representantes, com tiques ditatoriais, aliás, em cada humorista há um ditador sempre insatisfeitos por terror, que dizem eles? Tinha a impressão de que, desde há uns seis anos, o pessoal que se encontrava comigo ia ficando chalado, seria por minha causa, que eu estava chalado também, ao menos eu tinha um sentido

singular do espaço, o que habitava e o que percorria, tinha um sentido das coisas e da felicidade, não tinha pressa em fazer, não sentia necessidade especial de provar uma ou outra coisa, de mostrar isto ou aqui a alguém, fosse por meio de uma tese, fosse por meio de um livro, indo a festas, a eventos, a tudo e mais alguma coisa, porque na verdade eu tinha um certa resposta face a muita coisa, não digo tudo, mas sobretudo face ao futuro. Isto é coisa de dizer-se? Sim, sentia que estava tudo mais ou menos chalado desde há uns seis anos e nem queria imaginar ou conhecer a chaladice que haveria para além disso. O que teria provocado tudo isso? A globalização? A disseminação do uso da internet? E o cientista social ou filósofo tinha de obviar a tudo isso sem receber soldo? Era bem um trabalho grátis em favor de toda a gente, este, quer dizer, só para merecer estar vivo? Da-se.

Concreta e definida, a criação de uma poética do espaço tem a ver com a criação de qualquer coisa que não existia perante o Nada, ou seja, a criação de sentido onde não havia sentido, a dotação de existência a uma ausência de sentimento. Assim, ao mal-estar sucede-se a comportabilidade das coisas sociais, o bem-estar, e a este sucede-se o mau estar. O bem-estar contínuo não é natural ao ser-humano, nem santos nem pecadores, todos somos disso um pouco, à náusea perante o quotidiano e as coisas desordenadas ante a vista, segue-se a habituação no vão da existência e, mais tarde, uma náusea total, um mal-estar nos termos do sujeito e da civilização. A felicidade pode ser entendida como o sentimento de presença, de pertença, de qualquer coisa que nos preenche não só no tempo imediato mas em termos de futuro, dado que temos essa protensão para sobrevivermos nós mesmos e fazermos sobreviver os nossos projectos e ideais. Mas a felicidade não é somente consciência de coisas boas, é um trabalho da mente, isso o dizem a maior parte das filosofias orientais. Por exemplo, eu neste momento posso estar adiando a felicidade, podia dedicar-me à arte, à escultura, ao manuseamento de materiais primeiros, em vez de me entregar a um trabalho conceptual que a escrita sempre é. Mas este trabalho é essencialmente fonte de prazer, um trabalho na verdadeira acepção da palavra, dado que é um articulado jogo mental de conceitos, observações, asserções e sentidos. A minha cabeça passa a ser uma plataforma de entendimento do Eu e do Mundo sob a bitola da ficção, da filosofia, da ciência social. Mas chega a um ponto, chego a um ponto, a um momento, em que não se pode criar mais, é humanamente insuportável o sentido, o excesso e saturação do sentido, o sortilégio a que a solidão joga o coração. Aí, entro em meditação e a consciência do Eu confunde-se com a mente social, do social, com a consciência dos outros e do Outro.

E não há outra coisa a fazer senão deixar andar o tempo, recompor as imagens e os conceitos, a mente deixa de me pertencer e sai de si, provavelmente para voltar mais forte e sã. Mas hoje percebi que estou no caminho certo. O ponto de porcaria que estive no topo da sanita durante mais de um mês reapareceu na sanita de um edifício público, de interesse público. Percebi então que a realidade passou a ser a minha mente, por mais bizarro e estranho que possa parecer, deixei de querer enterrar os pensamentos e os sentimentos no fundo da minha mente e passei a trazê-los à superfície, a minha mente passou a ser apenas e tão somente um reflector da realidade, sem questionamento, sem dobras, sem plissados de toda a ordem no sentido verticalmente inferior à minha visão frontal. Isto causava-me medo, este poder de ser a realidade que se vê, de se ver a realidade que se vê e se é, a límpida transparência do ser, sem moralismos, sem esquematismos retórico-conceptuais. Ninguém me perseguia, elas não apareciam, desejava uma loira nórdica, ansiava por sair de casa mais não podia deixar de estar agarrado à música, tinha qualquer coisa de bom e bonito no fundo de mim mesmo que nunca mais vinha à superfície por mais que agitasse o meu corpo ao som da música, por mais que fizesse o pinto. Poderia estar daqui a umas semanas, ainda que sem forças, numa outra grande cidade, talvez me estivesse preparando para isso, saí cedo, almocei um pastel de nata, depois um *muffin* de cenoura, cheguei a casa e comi uma sandes de queijo, como sempre alimentava-me mal, prometendo a mim próprio descansar, mas não consegui dormir, suave, as dores nas minhas pernas eram constantes, como se tivesse corrido demais, mas o meu espírito não sossegava em cãs, queria sair de si mesmo como se a mente, o espírito fossem a casa e não o mundo..

Começava a pensar, este doutoramento não me levaria muito longe, no campo da filosofia, os filósofos "puros"

nada mais faziam senão especular, os antropólogos faziam o seu trabalho e eu estava ali, atravancado no meio dos dois modos de pensar e sentia uma solidão tenebrosa, aquilo que seria um sentido de liberdade, o caminho entre Lisboa e Riachos estava sendo algo de penoso, como se tivesse constantemente de mostrar algo a alguém o mesmo a toda a gente e em nada fosse recompensado por isso, por esse esforço que tinha vindo a fazer desde há anos, sem grandes possibilidades monetárias e apoio. __E ali estava eu, no reduto doméstico, andando de um lado para o outro, sem rede, pela enésima vez senti a insegurança do pensar devido às suas armadilhas, como se fora um "pensarilho", um verdadeiro sarilho do pensar finalmente instalado na minha mente. Pressenti que Adão, um meu amigo de outras ciências, teria muito mais seguranças e evitava com maestria certas zonas de derrapagem do pensamento, que ora se fazia com sujidades e desperdícios, ora com engrenagens comnceptuais mais ou menos diabólicas.

Ainda assim, não percebi o que a maior parte das pessoas faziam desta vida que lhes era devida viver, não tinham consciência da contingência, ou seja, da relatividade da sua existência e se isso as faria serem boas consigo mesmas ou com os outros. Deveria estar a escrever no meu ensaio sobre a contingência no caminho do homem... Assim, talvez fosse eu, quem seria já eu, o único protagonista deste romance, melhor, novela, miscelânea de muitos pensamentos e sentimentos a propósito essencialmente da vida, não da morte, que se fala pouco dela, talvez se dela falássemos mais, melhor entendimento teríamos da vida, ou seja, é certo o meu propósito de escrever sobre a contingência e sobre a atitude do homem face à morte. Procuro algum consolo na filosofia, mas não tenho tempo, chego a Lisboa depois de mais quatro dias em Riachos, andando de um lado para o outro, muito angustiado, só aqui chegando percebo que nada tem a ver com mulher ou ausência de mulher, mas terá mais a ver com as perspectivas que se traçam face a um futuro... Mas bem, continuava a utilizar os meus conhecimentos de antropologia e filosofia, de sociologia também, embora mais reduzidos, no modo como lidava no social, sendo que em espontaneidade não ficava em nada a perder com ninguém. Riachos sufocou-me nesse primeiro fim-de-semana de dois mil e dezoito, acabava por vir para Lisboa de novo para esta funcionar como plataforma para uma ida a Nova Iorque, sendo que o principal, o que mais me preocupava, seria não só a minha fragilidade económica, como psíquica. Tinha poucos amigos sinceros e do coração, a maior parte dos de Riachos, da infância exibiam-se e faziam coisas sem nexos nem sentido algum, mesmo para um antropólogo, habituado a relativizar as experiências humanas, a contemporizar, a encapsular o desejo e a euforia num certo sentido de eminência protocolar da sensaboria do fazer as coisas, quotidiana e extraordinariamente. Havia

muito quem falasse de mim, algumas coisas boas, estou em crer, mas a maior parte das coisas más, depreciativas, humilhantes, quer em Riachos quer no comboio para cá, Lisboa, quer mesmo aqui. O facto de estar a maior parte do tempo só acicatava um certo ódio por mim a essas pessoas, revolta, indignação, mas eu depressa deixava de pensar nisso, pois sabia que os problemas existem sobretudo se pensarmos neles, se entrarmos na bolha mental da preocupação. EU procurava vencer isso tudo com a minha própria filosofia, a da circunstância e o meu método essencial ser evitar ficar preso no que eu chamava de "zonas de vão da mentes", ou seja, em si mesmas zonas mentais vãs e zonas como que fundões de mar ou como se estivéssemos debaixo de uma escada, no vão, precisamente, deixando os outros subir por cima de nós nessa escada. Eu tive em tempos uma deles lá em casa e isso aconteceu várias vezes, portanto tinha essa experiência. Mas, fundamentalmente, eu procurava estar ocupado, ocupado com a ideia de ir para fora para uma nova experiência e de regressar, quem sabe para materializar o Instituto de Estudos Superiores, o IES. Alguns dos ernegúmenos de Riachos tinha o que se pode chamar "uma inveja da merda" de mim, do meu percurso, apesar de não ser um tipo ostentatório, ou tinham uma "merda de uma inveja", para dizer melhor. Por alguma coisa eu não investira num emprego que me daria lugar a carro e logo mulher (a dias, pode dizer-se, havia por aí muita). Prova disso é que eu, na verdade, nunca quisera trabalhar por conta de outro, havia-o feito por diversas vezes, mas não havia insistido, persistido e em relação à universidade, enquanto meio de subjugação de saberes e interesses, eu nunca fui realmente afoito a isso, por isso as coisas que tinha, o que tinha conquistado, teria sido de certo modo à margem de um certo sistema e de uma certa maneira de fazer as coisas que nada

me diziam. Sim, havia insistido na escrita e tinha prova disso, uma obra que valia muito mais do que a de muitos, muito, muito mais do que a ausência de obra de muitos, ou seja, um monumento à literatura, à ficção, à reflexão. Mas andava a maior parte do tempo produzindo, cinema, filosofia, ficção, ensaio, sempre a alto ritmo..

O que haverá para dizer quando os sentimentos se embrulham e misturam, quando os dedos que teclam estão frios, quando há sujidade útil num canto da cozinha e a casa está só de mim... O que se poderá dizer senão que há uma certa felicidade em estar só, em não dar cartucho a ninguém, como se costuma dizer, ainda que a propensão seja encontrar alguém, para este ou outros espaços, afinal o apartamento está voando, instalado no porão de um navio para a América, onde provavelmente tudo fará sentido um dia, não fará, por outro lado, conto estas coisas quando seria fácil falar deste e daquele, daquela e daqueloutra em regime de personagem, mas talvez, talvez, esteja conseguindo evitar a loucura. O vizinho estava à coca a ver quando eu fumava, era como o velhote, tinha uma aversão ao fumo. Há tipos assim, pior até. Eu quando que me arrastava de um lado para o outro da casa, da sala para a cozinha, para o quarto, do wc para a janela e por momentos era absolutamente Félix que me acompanhava, por outros sentia-me uma tristeza como um arpão lancinante nos meus ossos, no meu peito, na minha mente habituada a sacrifícios, dor e sofrimento. E continuava esta estória, depois de ter vindo do supermercado com três cachos de uvas que me haviam custado mais de vinte euros, sim, não tinha o espírito aberto para as personagens, nem sequer tinha TV, talvez tivesse amanhã, tinha-me a mim mesmo e o meu enlevo no vento do tempo... Talvez o meu medo psicológico fosse mais bem real do que o de outros, eu subira bastante em consideração em certos pontos da vida social em Lisboa, havia muita gente que me havia difamado e contestado, mas eu soubera-me consertar e pôr os pontos nos is, mas não vivia obcecado por um certa forma de fanatismo ligado ao prestígio social que se tem ou não se têm. De tempos a tempos ainda lia um pouco de filosofia, promovia online a minha obra, mas naqueles tempos ninguém podia ser famoso por mais do que um par de

dias e não, embora não estivesse nos píncaros da individualidade, era uma pessoa a ter em conta, de respeito e referência, não digo deferência ou reverência de propósito, por um lado apetecia-me um pouco sair de casa, por outro não, como se estivesse algo fraco de tanto lutar e produzir de escrito...Sim, o meu cansaço era fundamentalmente mental, o que se repercutia no físico, no bem-estar face aos outros e a mim mesmo. Virava-me para o computador para essencialmente procurar alguém para viver comigo, o *turmoil* da minha mente por vezes ia longe demais e julgava enlouquecer, sentia que não tinha amigos quase nenhuns e isto não podia ser apenas sintoma da meu personalidade, de uma eventual doença que tinha, bipolaridade, OCD, enfim, até certo ponto tinha alguma sorte, porque não era daqui e podia ter, de alguma maneira, o melhor de dois mundos, miúdas e até admiração de quem havia nascido por cá, por outro lado também a minha pessoa consistia numa certa referência de comportamento, não como um altíssimo intelectual, que não era porque -sabia- não tinha o devido a-condicionamento afectivo, mas como um antropólogo, ou seja, uma pessoa que puxa para cima e ajuda nas mais "complicadas" circunstâncias, situações e discursos. Então, estava nervosamente preso em casa e pensava em dois assunto: o assédio às mulheres nos EUA e o uso dos smartphones por parte das crianças e seu efeito desestabilizador na sua frágil psique. Bem, começando pelo fim, o porno também quase me lixou a vida, por isso entendo o ponto de vista dos país, por outro lado, todos sabemos que rara é a mulher romântica hoje em dia, ela vê-se emancipada e com direitos legislado e quer-se aproveitar de tudo, por vezes não respeita o homem em nada e o facto de eu não ter nenhum proposta de casamento ou de alguém para morar comigo só demonstra que a mulher quer, antes de mais, bem estar material. Do sentimental e afectivo, logo se vê,

tudo se arranja. Essa minha asserção é um pouco polêmica, mas digo que é fruto da minha experiência. E não sou gay, muitos me obrigam a reconhecê-lo, mas verão os seus esforços por inúteis, pois eu não desarmo nessa matéria. Olho para as mulheres de hoje e penso "já não há mulheres como antigamente", por exemplo, eu estou aqui tentando morar com alguém, juntar-me com alguém, mas não consigo sobretudo porque não tenho um conjunto de coisas que elas acham necessário para uma relação, i.e., carro, trabalho e prestígio social, festas mediáticas, dinheiro à discrição. Eu só tenho casa e algum prestígio e assenhoriamento das situações, uma boa cultura, que não é maior sobretudo por culpa delas, não em geral, mas de algumas em particular, que vêm no antropólogo um bom partido demais, um que não é tolo, ou por outro lado, é lírico demais para embarcar em grandes aventuras. Muitas não sabem o que é a antropologia e vêm o antropólogo um tipo com quem viver apenas uma aventura, por isso o cientista social tem de ser disfarçar, porque a noção que a sociedade tem dele é deturpada, mas muitos, antropólogos e cientistas sociais, são também xôxinhas, embarcados e entufados nas academias, sem a noção mínima do mundo e do senso-comum que faz rolar o mundo..

Estou aqui, vai não vai, vou comprar tabaco ou não faço nada, não posso ver TV, nem seria autoprodcente, hoje não tenho inspiração nenhuma, acho que me vou deitar, a solidão aperta, talvez receba amanhã a pensão e logo o dinheiro para repor a tv e os telefones, depois a coisa vai andar melhor, também a net é do vizinho do café, tenho de arranjar um gatinho para me fazer companhia. Então, vai não vai. Se Bruno Latour defende que nunca fomos realmente modernos, eu defendo, face a isso, que a internet e a realidade virtual nunca existiram, ou seja, são apenas projecções da relação entre mente e realidade, em último caso, uma projecção da mente, dos jogos "virtuais" da mente. Essa realidade aparece assim "aproveitada" de uma forma singular ou de múltiplas formas de modo a ser melhor compreendida e amestrada, digamos. Amanhã ou depois recebo a pensão de pouco mais de duzentos euros, duzentos euros, por assim dizer. Consigo ter um pensamento elevado mesmo na dificuldade económica, quando muitos partiriam logo de caminho para a violência verbal e física. Porque é a fome, meu amigo, é a fome. Depois, após uma etapa religiosa, não sinto assim tanto a necessidade da clausura académica, ah a universidade está aberta ao mundo, pois não ao meu mundo e a mim mesmo, a universidade foi fatal para mim e de certa maneira esqueceram-se de mim no meio da floresta de enganos das academias e clubes de pensadores, mas eu continuo, de uma maneira ou de outra, procurando sempre mais e mais sentido, não me desculpando nem me incriminando, nem sequer procuro culpados, a vida aconteceu assim e nisso está a sua grande grandeza e deste actor (social) aqui. Eu sabia que havia feito qualquer coisa de inigualável, mesmo que muitos não reconhecessem nisso um acto, um actor heróico. Pensar filosoficamente a partir de uma contingência económica deveras avassaladora, ainda por cima depois de vários internamento (7, creio), era muito mais do que uma vitória

física, era uma vitória da inteligência, do meu gênio e talento. Mesmo que não tivesse dinheiro para defender a tese, as teses, na verdade, eu sabia que havia feito algo de magnífico, grandioso e que na verdade me havia saído do pêlo, pelo desgaste, força e disciplina impostos ao meu Ser. Vivia ainda nessa condição, em Lisboa, praticamente só, passavam-se dias que não recebia chamada alguma, como que vivia no meu mundo que era o mundo de tudo, um mundo aberto e igual, o contrário de desigual, de capelinhas, fossem universitárias fossem mediáticas. Quando a maior parte respondia com gratuidade e mediatização, eu respondia com tempo, calma e reflexão. Sim, este livro parece um auto-elogio, uma autodefesa, uma auto-elegia, de onde os personagens levantaram voo para paragens incertas, um mundo de uma talento e sentido avassaladores, sufocantes, onde tudo diz tudo, tudo diz com tudo e tudo faz sentido... Quando estivesse reposta a questão da TV e das comunicações, tudo viria à normalidade e a minha opinião deixaria de ser singular, porque na verdade ninguém suporta tanto tempo sem comunicações, a minha voz voltaria a ser mais uma entre outras e voltaria a confundir-se com esse grande rumor, o rumor do mundo. Depois, eu não tinha muito de onde me vinha, havia concorrido a uns prêmios, a ideia da América perseguia-me, mas a minha irmã estava sempre a chatear-me, a pressionar-me, por vezes mesmo gozava e humilhava-me, coisa que muitas mulheres fazem a muitos homens, bem, talvez não sejam assim tantos. Se eu fosse a ver bem a minha situação, desde os trinta e cinco anos que não tinha rendimento próprio nem carro tampouco e persistira na ciência social, na literatura e na filosofia. Não admira que de vez em quando precisasse mesmo de ir às meninas, eu estava carente todo o tempo, como é habitual e natural num criador. Esta falta permitira-me produzir uma certa obra, de valor ainda não determinado, mas estava disposto a não

ir mais longe e a fazer vingar a minha saúde psíquica e física e os meus argumentos. O mundo mudara, havia sem dúvida milhões de criadores com mais sucesso que eu e menos qualidade, absolutamente, eu não duvidava disso em momento algum, que a minha obra era bastante valiosa, quer em termos quantitativos como qualitativos. Devidamente enquadrada num plano de marketing, causaria estrondo, pelo seu tom inovativo e revolucionário, pela sua riqueza formal e de conteúdo. Afinal, eu, que nunca me vira como um coitado, ao invés de outros, havia vencido e era tempo de descansar um pouco e premiar esse esforço com o que faltara à obra: exposição mediática, divulgação, possivelmente noutras línguas e um espaço próprio na galeria dos autores portugueses de um autor não plenamente literário, não plenamente filosófico nem plenamente científico. Um autor singular. Esta minha situação "social", económica poderia fazer pôr os cabelos em pé, como é que um antropólogo, discriminado pela academia, chutado, melhor dizendo, tinha de fazer outras actividades para ganhar dinheiro, como a escrita salvou de facto a sua vida e demonstrou o seu talento para observar e interpretar a partir da experiência do humano, como manteve, apesar de muitas dificuldades económicas, que nunca se confundiram com a posse de um tecto, revelaram uma pessoa optimista, virada para cima, que sempre quis mais e mais e como raramente alguém ajudou, sobretudo quando enveredou pela filosofia, sendo obrigado a ligar com filósofos que sé sabem especular e que, muitos, são inclusive mentes ditatoriais. É negro este discurso? Apenas reflecte uma realidade vivida, se eu fosse especialista em problemas sociais teria ido para advogado, assistente social, como a minha irmã, ou psicólogo. Mas os meus problemas são mais vastos, no humano radica tudo o que o Homem é, e não é, não é preciso ir tanto acima para explicar isso porque, de um certo mofo, a filosofia é uma

forma de antropologia ainda que puxe e estique os problemas para fora do âmbito do Humano.

Ainda e mais uma vez sem mulher certa, Josué entra no mundo virtual, abdicando de ir até às docas, onde conheceria, como não é seu hábito, uma bela mulher e onde não importariam as distintas condições socio-económicas, alheio à sua perspectiva de vida, tentando parecer ou até ser outro num copo de whisky ou licor. Depois, arranjou o gato para o seu apartamento. O que tinha de mais seguro era a casa e as despesas, quase inteiramente pagas por um tio que trabalhava junto do governo alemão para sustentar a sua vida de pintor a meio termo, porque a maior parte do dia vagueava pelos cafés da velha Lisboa tentando arranjar motivos para os seus quadros. Ou não, simplesmente vagueava, acelerando o passo e sentindo-se homem, como na canção *Portugal. The Man*.

Eu era um pouco como Josué, tinha amores incertos entre as mulheres mas na vida, por áreas temáticas, mantinha a minha fidelidade intacta. Um dia, eu sabia que isto iria acontecer, os meus professores haveriam de pasmar-se com o que sob condições materiais e existenciais mantivera o meu amor à literatura, à ciência do social, à filosofia. É suposto o autor apanhar o Todo? Pois eu aqui estou, Todo, com as minhas dúvidas e falta de certezas, com as minhas inseguranças e pontos fortes, que me permitem prosseguir uma certa ordem de ideias, uma argumentação, um sentido face às coisas. Alguns já fazem *Extreme Anthropology*, onde vai a sede de tudo explicar. Eu prefiro esconder-me atrás de uma dúvida, de um receio, de uma não-explicação, porque há sempre mais e mais e nunca mais acaba, inclusive a falta de ética no mundo literário. Tantas palavras, tantos livros, tanta pressa para que o público saiba. O público que descubra por si próprio, que aprenda, de certo modo a ser também autor e a não viver à sombra de alguém que escolheu **isso** como profissão. Na verdade, grande parte do que é publicado passa a ser do domínio do social e

não do íntimo, o autor como que prostitui uma filha sua à custa da fama e admiração do meio literário e geral. Está imerso na solidão, na frustração e no desespero e espera que a literatura o salve de alguma espécie de pecado para com a sociedade. A melhor lição das palavras é não as ter, viver no silêncio, cortar a música, imergir no quotidiano frustrante e avassalador de que é testemunha. Enquanto procurava dois números de telefone, pensava na luxúria da sociedade de hoje e não pulsão para a alienação e estupidez, sob vários pontos de vistas. Pouca gente alinhava com o transcendente, talvez pensando que ele coarctava os desejos, o desejo sexual. Ora ele é o desejo sexual, i.e., nada de mais erótico do que o transcendente e a meditação. Entretanto, ganhava mais alento para a minha deslocação a Nova Iorque, era candidato ao PhD em Filosofia e só me bastava arranjar dinheiro para frequentar por lá umas aulas ou manteria a coisa assim com webinars e teleconferência, tudo o mais. Teria de traduzir a tese que já tinha pronta, portanto tinha muito para fazer, mesmo que não arranjasse emprego, ainda tinha o sonho de voltar e pôr a limpo o IES, muitas coisas tinha portanto a fazer, jogar umas coisas online no bet365 ou coisa assim, mas não tinha sorte alguma com as mulheres, eram tantos e nenhuns os factores que eu estranhava lastimosamente a minha falta de êxito junto delas, aproximavam-se pretas, as loiras olhavam aturdidas e surpresas ao longe e ficavam sempre com o da sua cor, as morenas falavam, mas pouco, e percebi claramente que eu era um *mustang*, o cavalo que vence, não era por acaso que Vico Mortensen filmara um livro de Camus e fizera um filme sobre duas crianças que se tornam filósofas no campo, junto dos pais, para onde se retiram depois de exauridas as condições existenciais em Nova Iorque, também eu tinha de lidar com polícias, de lidar com tipos inflamados, isso não me metia medo, eu tinha o meu

caminho, tornar-me o melhor cientista social, o melhor escritor, o melhor filósofo do mundo, pelo menos por uns tempos, pelo que teria de deixar essas áreas, exceptuando a ficção, como é o caso, fora da prateleira.

As pessoas simplesmente não falavam comigo sincera e abertamente, umas até me evitavam, muitas diziam mal de mim nas coisas ou de soslaio, de raspão. Que se lixe, não tinha de agradar a ninguém, apenas queria fazer as minhas coisas. As pessoas estavam ficando sujas e estúpidas e que poderia eu fazer? Que poderia fazer face ao enlouquecimento gradual das pessoas, pelo menos aquelas que me parecia ficarem loucas. A minha tarefa de dotação de sentido -no fundo é isso que o filósofo ou escritor fazem, como o antropólogo- esse esforço que vinha fazendo, estava a dar cabo de mim, estava a esgotar-me nesse esforço por almejar compreender tudo, o que poderia ser interpretado como um acto de desespero. Acho que a maior parte dos americanos estão ofendidos porque não podem exercer um poder planetário, ameaçado pela China e Índia, mas também pelo Brasil e Europa Central. O Povo americano geralmente pode ofender-se facilmente e isso tem a ver com a sua história, dão muito valor ao mental, mas relativizam menos que o europeu, talvez porque tenha de facto, a nível global, imenso poder e dele não queiram abdicar, o que é perfeitamente compreensível, a meu ver. Por outro lado, a minha indignação face ao meu apelo de participar enquanto professor ou escritor do cursar da sociedade, não abatia o meu desejo de vingar e o meu esforço nesse sentido, se bem que muitas vezes caía, mas ultimamente um pouco menos, tendo conseguido controlar a minha doença com as tais obsessões com certo e determinado esforço e disciplina. De manhã custava-me a levantar, agora um pouco menos, poderia pensar que seria AIDS, mas não tinha mais sintoma algum e mesmo o cansaço, que tinha a ver com a exposição à net e ao computador, acabava por se dissipar ao longo do dia. Mas agora bem fanlando, mesmo em relação à América, não tinha nenhuma espécie de pressa em ir lá, traduzir o texto em inglês, humilhar certas pessoas e desafiá-las, porque a mim

e ao meu povo também me tinham ofendido. De modo que havia umas certas coisas a repor no seu lugar, mesmo arriscando ser ridicularizado. Para mais, num país como a América, tudo pode acontecer. Inclusive ser morto num ápice, se me armar em esperto, tendo o tempo necessário apenas para um Pai-Nosso, não um credo, porque fundamentalmente me poderia odiar e tudo o que eu represento, ou seja, por ser eu mesmo e por ser português, para além de vinganças face a coisas que outros portugueses poderiam ter feito por lá. Mas, mesmo sabendo do muito que poderia acontecer, ou do nada, do abandono total, eu estava optimista e não procurava forçar esse optimismo. Enquanto isto passava e se sucedia, eu pensava sempre na minha mãe, é claro que muitos pensamentos estranhos iam ao encontro da ideia ternurenta que eu tinha dela, mas creio que o meu espírito lidava com isso da melhor forma que podai. Tinha saudades de estar lá por Riachos, ainda que dois ou três dias depois ficasse farto. Mas era bom para descansar. Quanto mais me expressava pelas palavras mas sentia chegar a alguma lado e eis que me apareceu uma ajuda no devido sentido de precisão que só pode ser atribuído a Deus. O nome dela era "O Ar Preciso"... Depois percebi que a insistência, a persistência sem que se ganhe ou conquiste alguma coisa, gera desconsolação e abatimento. O seu humano gosta de conseguir as coisas com esforço, mas muito esforço só um Cristiano Ronaldo pode fazer e porque tem resultados à vista. O esforço ingente sem resultados à vida, em nome de um terreno, de um grupo, de uma sociedade, pode parecer inglório e no final de contas bastante frustrante, sobretudo quando em nada se referem a esse sujeito como estando a fazer alguma coisa de válido, pelo contrário, é objecto de chacota e troça a todo o momento, não tendo em ocasião alguma um incentivo de qualquer espécie, real, que o levar a continuar. No mínimo, é cruel e é forçar a

família dessa pessoa a representar todas as frustrações da sociedade, como quem faz o mal e usa o psiquiatra para ficar de consciência tranquila. É, há pessoas assim.

Descobri afinal que estava apenas a precisar de sono, de descanso, que muitas das minhas convicções estava certas, muitas pessoas, entre os quais jovens, fazem uma curva da estrada bastante acentuada e íngreme, ainda por cima, muitos ficam-se só por isso, pelo fogacho, pelo que depois decidi não abrir não dos meus estudos, dos meus graus, dos meus envolvimentos literários e científicos, porque em Lisboa havia muitas quintas privadas a partir da qual uns tantos queques acabam por exercer alguma influência na manipulação das consciências. Isto era tão mais tenebroso quanto se fazia a rir, literalmente, no gozo. Enquanto se gozava em Cascais ou na Expo, o resto da população passava por dificuldades, muito devido a esses senhores e senhoras, sim ou não de famílias, mas pouco gente tinha presença de espírito quanto a isto, muitos porque se envolveram demasiado cedo nos seus percursos, outros porque estavam tão agarrados à árvore das Patacas que já não vali a pena voltar para trás. Poucos os que denunciavam, mas nem mesmo esses estavam isentos. E a comunicação social, desde a rádio à televisão e alguma internet, prestava um mau serviço, em que havia poucos a fazerem reflexão (não me lembro do último cientista social a ir à TV, a não ser o ministro Augusto Santos Silva e Miguel Vale de Almeida, ambos para falarem de política). O país era ainda religioso, mas a religião era a escória dos humoristas e trocistas, essa força não era bem aproveitada para gerar e gerir um país de qualidade de vida e bons índices de felicidade. Não havia mobilização. Talvez nem fosse preciso e eu seguia um pouco esse pensamento quando pensava na América e suas virtualidades existenciais: grassava o sentimento de que, desde o Metro à CM TV, pouca coisa valia a pena, então, por isso, mais valia deixar andar. Eu sabia que estas áreas são lixadas, feroz competição de um lado para o outros como cães, mas também há melhores e mais interessantes corações.

Só que eu ainda não os encontrei. Assim, naquela noite, uma vez mais e ainda sozinho, eu adiantava este livro e formatava outros dois para enviar para a gráfica para pedir uma amostra para ter como instrumento de trabalho, essencialmente um colectânea de guiões de cinema que escrevi de rajada em duas semanas, tendo outras começadas e outras apenas com o título, só para precaver uma situação em que me viesse novamente uma fúria criativa semelhante. O que eu ia pensando importava, mas não tanto assim, eu nunca fora ambicioso em termos criativos, nunca terei tomado droga para escrever, se uma coisa tem a ver com outra, de perfil era em princípio um tipo *low profile* que sé arriscava lá para o fim, tal como nas corridas. Mas depende, por vezes arriscava mesmo correr quase tudo nos primeiros quilómetros, como em relação à maior parte das minhas abordagens às mulheres. Estou perdido, ainda nesta cidade, metade dela me atraiçoa e olha de soslaio, metade me admira e gosta de ver. Na verdade, a esta altura, já deveria ter conquistado com a minha dama, tenho-me portado relativamente bem, mas há que ter certa paciência. Apenas falamos do que nos acontece, é assim com o escritor, revela sempre o que vê, pois o que não vê apenas pode sonhar, como toda a gente, imaginando o que está para além. Com a minha condição económica e sem trabalho, é claro que estou indignado; mas continuo a dar crédito a muita gente, nervoso, irascível, andando de um lado para o outro, tenso, fleumático, quase psicótico, num espaço em que outros, daqui e de outros lugares, pisam confortavelmente. Afinal, talvez tenha um sentido ético das coisas que me permita respeitar os outros, sabem que mais, acho que estou bastante certo naquilo que faço, de certa maneira não me enredei nem deixei enredar pela realidade que analiso, que vivo analisando, talvez seja mesmo o melhor escritor português do momento e muita gente, inclusive editores e

escritores vários, saibam disso. E que felicidade me traz isso? Apenas a vontade de fazer as coisas mais ou menos certas e ainda que não certas, mais ou menos consentâneas com o meio em que vivo. Muitos acham-me uma espécie de adamastor, outros um sibilino representante das letras, das minhas e das dos outros, outros um mais-que-americano, pela resistência a provas de vida que tenho ultrapassado, incluindo logo pela manhã, quando acordo só e pela noite, quando me deito só. Na verdade, depois, há uma espécie de ditadura nos felizes, dos felizes, uma competição para ver quem é mais feliz, como se a vida fosse só isso e a felicidade fosse qualquer coisa que se recebe e não qualquer coisa para a qual se caminha, com esforço. Depois, vem uma escritora à rádio censurar o meu trabalho, o meu modo de vida, troçando com o que acontece comigo. Muitos têm a coragem de o fazer, mas em tudo não vejo muito mais do que uma mera citação, quando, pelo que faço, deveria ver um aplauso e uma admiração. Assim, à ditadura do proletariado e à ditadura das massas, substitui-se a ditadura do acontecimento, mesmo que ele seja um erra mesquinho na cosmética, ou seja, uma unha não pintado no conjunto de todas as outras pintadas, pode ser mais importando, se entendermos que o número de visualizações é o critério mais importante do que a morte de um estadista ou um fenómeno climático avassalador...

Depois, voltaram as bocas, a insinuação na rua, a perfídia e eu sentia-me mal com isso, não só porque andava sensível e revoltado, mas porque muitas dessas bocas e comentários era de indisfarçada troça, como de quem nada tinha a ver com o assunto, porque pouco fazia com a vida senão seguir o mesmo caminho que lhe haviam traçado na altura, talvez há instantes, como quem não se mete na vida e ousa falar dos outros a torto e a direito. Na verdade, doíam-me mais as coisas mesquinhas e as bocas singulares do que aquelas do grupo, dos media, mas eu tentava prosseguir, a minha vida e a minha narrativa, sem olhar demasiado para os outros, talvez fosse isso que queriam, "olha lá como eu estou bonito!", "olha lá como estou bem!", muitos lisboetas reduziam a sua existência a isso ou a nada quanto isso mesmo, ou seja, a uma "não-existência". Era um tipo de mentalidade oca que tinha a ver com as feiras, as festas dos santos, uma maneira totalmente risível, a mau ver, de levar a vida. Muitos passavam pela vida sem sequer se terem apercebido, sem se terem apercebido do quanto ela é valiosa e na qual diversas e interessantes coisas nela se podem fazer. O português daqui possuía uma certa forma de autoritarismo arrogante que vinha de tempos idos, recuados até ao antigo regime, uma forma de estar que não mexia muito em termos de mentalidade e que só estavam mudando com o empreendedorismo dos que vinha das aldeias, das pequenas cidades, porque o lisboeta normalmente dedicava-se sempre à restauração, nada fazendo de especial senão controlar mulheres. Para isso tinha olho vivo e parecia que morria se não o fizesse. Eu critico porque, de alguma maneira, estou sendo alvo de uma discriminação quotidiana e isso vê-se pelo facto de estar só há bastante tempo, de não fazer o jogo "deles", o que não entendem nem tentam compreender, talvez porque se ancorem no cosmopolitismo que dá guarida a turistas estrangeiros quase todo o ano. Se não fosse isso,

Lisboa não tinha graça alguma, nenhum mesmo, seria a cidade do intermédio sul mais triste que já se teve em conta, por isso alimentava a ideia do Rei de Lisboa para o romance e ainda que estivesse saturado dela, continuava a alimentar e procurar encontrar motivos de interesse para esse meu livro, que daria até azo a uma espécie de transformação social que a cidade precisava. O livro era resultado de alguma coisa, mas também a ficção necessária para reescrever e transformar a cidade. Face à perspectiva social de mim mesmo e dos meus, eu por vezes tomava como arriscado, demasiado arriscado, viver do social e para o social. Não seria melhor fazer, efectuar, pura ficção, em vez de falar de peito aberto sobre mim, expondo também ao perigo do olhar e da opinião do outro os meus? Começava a equacionar seriamente essas questões, ou seja, uma certa alienação, uma tendência quase vício para as coisas do social, coisa que já percebera em Danny? Isto leva-nos a equacionar o papel não só do antropólogo e filósofo, em termos sociais, ou seja se vale mesmo a pena reflectir em termos filosóficos sobre problemas e assuntos sociais, se não será melhor ficarmos na nossa redoma discursiva, se isso não adianta mais ao mundo e a nós mesmos enquanto pensadores, do que agruras e dissabores de vários géneros, essencialmente quando arriscámos bastante tendo posto em causa mais que bastante e considerando que não temos protecção e retorno, a não ser os amigos da terra e as coisas escritas, para além de uma menção ou outra na rádio?...Isto revela a sociedade que temos, uma parte preocupa-se, a outra não quer saber nada de nada, mas sempre alguém se preocupa o suficiente por esse nada e eu sou uma dessas pessoas, capaz de tirar nabos da púcara onde não há nada senão uma pedra condenatória.

Eu sentia que havia dito bastantes coisas através dos meus livros e dos meus estudos e sentia um certo ar de abandono, como se quisesse recobrar uma paz de espírito e uma serenidade que perdera. Onde muitos viam uma tragédia, a mente e o meu coração continuava a grassar e, pouco a pouco, envelhecia e com esse acontecimento, com esse processo, descobria prazeres inauditos na minha vida, com o seu possibilidade de ir a Nova Iorque. De uma certa maneira, o facto de estar sozinho era sintoma e consequência: sintoma porque de alguma maneira eu exigia a mim próprio um certo isolamento para pensar devidamente; consequência, pelo modo de pensar de maneira diferente. Mas eu não estava assim tão só, como queriam muitos dos meus inimigos; bastava-me ir aos cafés de Riachos e eles lá estavam, uns ou outros pendurados ou não no tempo, os meus amigos; na rua, bastava-me ir aos meus sítios e raramente era mal atendido, devendo-se isso às circunstância dos azeites de certas pessoas que acolhiam mal as derrotas. EU podia-lhes chamar de garotos, muitos foram ou teriam ido embora da cidade por muito menos, mas eu continuava aqui, porque sentia, afinal que, mesmo não ganhando monetariamente, estava ganhando nos mais diversos outros prismas da sociedade.

Depois, fiquei embrulhado numa remota possibilidade de ter AIDS, mas uma vez. Em 2016 tive uma relação, depois tive meia dúzia deles, não tinha sintomas alguns, a não ser dificuldade de me levantar e pensamentos obsessivos e intrusivos, algum cansaço corporal, mas só ao levantar. Não se devia tudo isso ao esforço da tese de doutoramento e da outra e aos quatro livros que escrever no ano transacto? Era já para ter feito o teste nessa semana, de um frio cortante quase imoral, e resolvi ficar por Lisboa para o fazer, na semana seguinte. Mas muita da minha fraqueza se devia a uma alimentação deficiente e ao abuso, relativo do

tabaco e a um estilo de vida bastante arriscado para a saúde, talvez por não ter também quem me apoiasse. Mas, se o teste desse positivo, poderia pensar: a AIDS não tem cura?!

Percebi nessa noite fria que a felicidade não tem nada de social, nada de absolutamente xintoísta, budista, tem a meu ver, o facto de estarmos ou não com um ser de que mais gostamos. Isso é, para mim, a felicidade, procurá-la-ei toda a minha vida incansavelmente e isso me dará ardor para continuar. E ainda que não encontro, terei de certa maneira sido feliz. Mas sentia que a sociedade, no seu todo, me havia abandonado, de forma que esse sentimento de solidão era imerecido e percebi, à cautela, que tal, fizesse o que fizesse, não iria acabar, podia até tratar-se uma autêntica bola de neve que me poderia destruir fisicamente. Mas ainda podia resistir, lutar, conquistar, fazer alguma coisa, não era homem de me ir abaixo, já tanto que havia conseguido. Depois, tentava escrever sobre isso, sobre as coisas que diziam gratuitamente na rua e o meu peso enquanto cientista social e filósofo, que, liminarmente, em nada beneficiava a minha carteira. Alguns delinquentes troçavam de mim por ter dito ser o Rei de Lisboa, coisas da empresa e algo mais. De certo modo o era, mas não estava disposto a sê-lo mais, a carregar comigo esse peso, mesmo a empresa, não deveria acolher jovens delinquentes, negros ou brancos, porque em certo sentido estava farto de ser "pai de todos" e não lucrar nada com isso. Não, não era de todo um imbecil, mas falava-se cada vez mais da minha pessoa em Lisboa, em certos e determinados círculos e eu, como benfiquista, estava disposto a aproveitar isso, de certo modo. Mas o facto de continuar a andar só, a estar semanas inteiras sem conversar com ninguém, trazia-me aziago nos dias e nas noites e talvez fosse apenas isso que me estava deitando abaixo. Depois, como se elas me tratassem mal, como se fosse um cãozinho ou um bebé, vi que na maior parte das mulheres, eu fazia o jogo todo e elas, na sua maior parte, não tinham trabalho algum e eu não sabia se queria uma mulher simples, talvez fosse a mistura das duas coisas,

como é que hei-de lá, chegar, uma como eu, um Edgar tipo mulher, um Tobias tipo mulher, um Dionísio tipo mulher e tantos, tantos outros, tipo mulher. Isso é que seria cem por cento azul, ou azual, como dizem algum e neste cantinho do mundo cultivava-se a loucura a rodos, pois a maior parte das pessoas não se aguentavam sozinhas, queriam, em meio termo, ter casos e mais casos para digladiarem as suas parangonas mentais doentias. E, finalmente, dava graças a mim próprio ter feito psicoterapia, que não fiz muito, dois, três anos e ainda bem que não fiz psicanálise, pois lia muito bem Freud e reconhecia nas suas teorias algum valor, mas havia muita coisa mais no mundo além do corpo, nomeadamente do corpo de desejo, que nada é mais ou menos que um neuro-transmissor de uma ordem de desejo que vem fundamentalmente do exterior. Ainda pensei, depois desta minha vitória, de ter despachado uma que me disse "fila!" e "não vais ficar com beicinho, pois não?" como uma atitude feminista, chauvinisma, típica daquelas mulheres que desprezam os homens, que nunca quiseram casar e que só se sentem verdadeiramente mulheres quando humilham homens, claro que a maioria dos homens é assim, mas eu não me incluo na lista, porque este era essencialmente petulante e, do meu ponto de vista, sabia demais para ter sido algum vez feliz na sua vida manietada de ergonomonas femininas. Amén.

Depois de ter considerado que a vida mais não valia para si do que uma doce pêra na cara dos seus inimigos, tão doce tão doce que o derreteria de inanição, Josué decidiu manipular a mente de muitas pessoas, divertia-se a fazê-lo, a exemplificar em diversos temas a sua superioridade mental e o "corrimão" da lógica ajudava-o bastante, ele que não ousava muito ir ao sótão da sociedade lisboeta e sua forma de pensa, logo isso estudariam os filo-logos ou sofos, ele visitava esse compartimento com cada vez maior assiduidade e proveito proveito. Depois, percebi, como antropólogo e filósofo, essencialmente o seguinte: enquanto o português sonha num lugar e cumpre longe ou perto segundo as variações da relação espaço-tempo, outros povos fazem o mesmo, como o inglês, o espanhol, o norueguês, algum africano. O alemão, por exemplo, já não é assim: sonha num lugar e cumpre nesse mesmo lugar. O cano de escape de uma moto ecoa pela rua deserta. Eu faço um café, ouvem-se certas vozes, o vizinho do outro lado tem a TV acesa, é psiquiatra, pelo que me pode ajudar numa situação de aperto, mas sei que se me der um chilique ninguém me valerá, estão todos a dormir, sei que de dia tenho bastantes amigos, talvez tenha mais amigos aqui e em Riachos que uma pessoa normal, mais do que muitos médicos ou políticos. Na verdade, a minha natureza de antropólogo veio ao de cima desde há dois anos em que escrevo sem para. Anseio por pegar em "O Rei de Lisboa", com *Demopolis* tenho bastante caminho desbravado, entretanto tenho a minha "Teoria da Sociedade", em empreendimento gigantesco que poderá fazer consolidar a minha sábia mente e o talento de escritor, ainda não completamente revelado nas quatro obras do ano passado. Frequentemente pensava na minha família e quão normal, apesar das peripécias, havia sido a sua caminhada. Nada de muito trágico nos havia acontecido e eu tinha de estar a pau com as coisas que fazia se não queria que tal

acontecesse, uma doença maligna, uma agressão, mas enfim, eu não era do tipo conflituoso, embora andasse bastante arreliado com a cidade, a quem tinha dado tanto e que tão pouco me dera, mas isso é conversa de político, assim não vou lá. Sabia que a vida em Lisboa traz as suas compensações e nem uns nem outros são indignos de viver nela, cada dia aprendemos a viver, mais do que sobreviver, a procurar motivos num recanto de uma estação de metro para seguir em frente, ou para o lado, ou às roscas, mas seguir, como se a sina fosse andar de um lado para o outro, com a mente, com o coração, que pensa, com o corpo, ora articulado, ora panfletariamente desorganizado, como numa dança onde se expulsa o demónio e se vence em sentidos diversos. Havia assim, recuperado a vontade de vencer, nisto não podes perder, se perder a vontade de impor o teu ponto de vista, sabes que ele é útil, acaba por fazer pouco sentido viveres, ali, acolá, porque perder um pouco o sentido de uma missão que é ajudar, num território para onde foste designado não meramente ao acaso. A minha personalidade, algo submissa e que aceitava a opinião e o comentário dos outros sem filtros, por razões diversas, como muitos, alterava-se substancialmente na medida em que eu não só propunha mas funcionava, no meu quotidiano, pelas minhas ideias e convicções. E, não posso deixar de dizer isto: o tamanho das minhas bolas e do meu pénis, aumentava bastante nesses dias eu que eu era eu próprio, ao ponto de não serem, ambos, nada pequenos...se é que importa pensar nesses termos estupidificantes nesta sociedade de fachada e mentira. Mas era assim mesmo, só para que conste.

Depois, cheguei a um ponto em que tudo me metia raiva, a raiva essencialmente da injustiça a partir de tantos anos, de tantos anos de uma obra. Eles estavam surdos no seu atordoamento da realidade, uma realidade que tantos queriam iludir mas na qual, para bem e para mal, estavam mergulhados. A minha raiva era certamente bastante, procuraria projectá-la para uso na minha experiência norte-americana, que, a acontecer, nunca podia ser patrocinada senão por mim mesmo motivo pelo qual não gaurada nenhum dever de os representar lá fora. O certo é que não tinha paciência, o esquecimento a que me haviam votado, bem como em geral a sociedade portuguesa, haviam-me dado o direito de, mesmo a partir da minha solidão, os olhas como inimigos do peito, insultá-los, desclassificados que era, desclassifcá-los sem mais não. Mas isso não levaria a nada, em bem sabia, sabia essencialmente que raramente um homem podia fazer sózinho o que eu tentara (e conseguira!) fazer..ssss Sabia bem que o culpado da minha situação não era eu, melhor, não era só ou principalmente eu, havia muitos que me queriam baixo, no lodo, morto, sem mais nem menos. No recolhimento da aldeia, eu procurava descansar e estar bem comigo mesmo, enquanto pensava maneiras de conseguir coisas e mais coisas, mas isso não me atormentava em demasia. Para os meus pais, eu havia conseguido pouco, para outros também, mas para muitos havia conseguido muito, eis o sortilégio da imagem social que temos ante um ou temos ante outro. Depois, via muita gente triste, triste sem sequer ter lutado por coisa alguma que não fosse uma parangona mesquinha na comunicação social, sim, esta sociedade estava ficando cada vez mais mesquinha, cada vez mais estranho a meus olhos e, como expliquei a Danny, quando as mulheres não se aproximam, alguma coisa está mal...

Paciência, era a coisa que mais tinha e ao mesmo tempo não tinha, não me sentia impotente, antes injustiçado e, mais uma vez, iria fugir, como aos 15 anos, da situação, da pressão de estar numa aldeia, numa cidade, num país, que não levava a nada, onde a liberdade era puramente legal ou desordenada, com articulação diversas entre a literatura e o escândalo. Quando pensei que tudo estava perdido, recusando-me a conseguir amar na terra dos meus pais, ouvindo música às três da manhã poucos dias depois da passagem de ano, ainda tendo em mim a memória de Ema, pensei naquela mulher de cabelos desgrenhados ao vento, que outrora fora a máquina pensante de uma localidade, Fantasia, a mulher que, ao lado de outra, eu apreciara em pequeno pelos seus textos desgrenhados, selvaticamente originais, seria para mim a relação ideal na terra dos meus pais, para uma eventual vida campestre. Sabia que ela passava por dificuldades, iria estar atento, tinha mais dez anos do que eu, sempre era mais bela e nova que Ema. Fantasia...realmente não me esquecera...então lembrei-me também de duas Núrias, uma delas ausente, outra presente, uma na grande capital, a grande cabeça deste país, outra em Riachos. Estas criaturas eram como eu, afinal, apenas procuravam o amor, que é o que nós todos procuramos, de uma maneira ou de outra. Disto falo pouco, porque fico pensando...

Depois, a felicidade permite mudar a nossa concepção do tempo, ou seja, amestrar o tempo a favor daquilo que estamos fazendo. Decidi nessa noite não abandonar Riachos, que ficaria ali mais um tempo, que afinal era dos meus velhotes que se tratava e de mim mesmo, da minha identidade, que estava ali, naquela pequena aldeia em que todos se conhecia e se algum dia desejei partir foi para mostrar serviço à quela aldeia; enquanto muito têm um apartamento no Soho ou em Manhattan, eu tinha em Vermoil, melhor

Riachos, onde sempre podia voltar, mesmo que a carga dessa responsabilidade fosse grande apenas talvez somente devido ao re-conhecimento de Si Mesmo e do Outro nesse mesmo lugar, um cantinho depois no lugar, um cantinho na aldeia, onde já não havia as festas de São João, por antonomásia à cidade de Lisboa, mas ainda havia algumas crianças, todo o cuidado é pouco, os tempos haviam mudado e tínhamos de escolher com que falar, a quem sorrir. Riachos era um invulgar lugar porque nele raramente havia violência, a polícia raramente aparecia, nesse aspecto não dávamos grande trabalho à PSP, de quando um vez as pessoas estavam enlouquecidas e seria talvez por um argumento que eu sempre defendi: faltavam mulheres, essencialmente mulheres jovens, férteis, que pudessem dar vida à vida gerada na aldeia. De modo que era difícil, podia bem ser pior, mas eu estava reconciliado, ou seja, tinha à minha responsabilidade manter "acesos" dois lugares, duas casas e não me preocupar com o que de melhor mais podia acontecer, a palavra seria ir descansando, entre Lisboa e Riachos, ou seja, seria muito difícil que a linha entre essas duas cidades se perdesse nos anos da minha vida e mesmo que não tivesse ou viesse a ter carro, mesmo que as coisas se mantivessem assim, já não estavam mal, tinha esta aldeia para descansar e trabalhar um pouco, para ler, e tinha a grande cidade para todos os outros acontecimentos... E depois, uma coisa extraordinária aconteceu: estava em Riachos, fui procurar um saco de viagem para levar alguns livros para Lisboa e encontrei, bem lá no fundo do saco, o meu estojo que julgava perdido, tinha esse fetiche pelos estojos, pois na escola mudava frequentemente de um e outro, tal como fazia colecção de canetas e lápis, bem como de borrachas e marcadores de cores, mas essencialmente de porta-minas. Apareceu! Vale a pena dar uma volta grande na consciência e no lugar, nos lugares, para nos reconhecermos (bem) a nós mesmos, há gente má, mas também há gente boa,

isso consola-nos e mesmo nós mesmos nem sempre todo o tempo somos maus, ou bons, o mundo do nosso interior reflectivo no espelho do Mundo social é qualquer coisa que tem a ver com um certo trabalho, que pode incluir meditação no âmbito de um grupo, de uma religião, mas pode incluir um trabalho bem mais complicado e àrduo que tem a ver com os conflitos familiares, donde dimana as tensões sociais, e para onde elas também emana...Senti que a minha família me dera muito e que outros tinham bens materiais, nomeadamente americanos e que não tinha o espírito que sempre andou de um lado para o outro dentro do meu âmbito familiar. Muitos precisaria de terapias e muito sexo para recuperar estrambelhos que nunca tiveram e ainda assim nunca o teriam conseguido, a felicidade, essa coisa que eternamente se busca. De algum modo, estranhamente, eu buscava isso, mas era resistente, isso nada queria comigo, buscava a felicidade e já a sentira, como um arrepio na espinha, em certos momentos. Sentia que o desafio de "O Rei de Lisboa" era grande mas podia lá chegar. Sentia que o desafio de "Uma Teoria da Sociedade" também era grande, maior do que aquele, mas estava mais preocupado com o último livro e deitar para fora um ou outro argumento de cinema, nada de mais, nada de muito mais, aguardava ainda a questão da América e resolvi pensar e fazer para mim mesmo que não procuraria trabalho antes de ter a tese discutida e que ainda iria andar de um lado para o outro, nas livrarias das faculdades em Lisboa, um pouco mais, procurando investir e investigar um pouco mais. Quem sabe se lá não encontraria uma miúda interessante, em vez de ir às meninas e procurar em toda a linha em toda a sacroprofana internet? De uma razão para outra, lendo um pouco menos que em outros tempo, reconheci, talvez por excesso de mim mesmo, pelo meu itinerário e pela minha relativa experiência de vida, que o problema todo do mundo fosse talvez apenas o desejo, talvez houvessem autores

e actores a mais, sociais e teatrais, ou seja,, talvez a questão de toda a humanidade e de suas contendas fosse apenas uma questão de libido e tudo se reduzisse, de uma maneira ou de outra, a uma questão psicanalítica, freudiana, até porque quando há inimizade, o grupo não faz alianças. Eis então a alternância entre agonismo e estiramento do ser na história dos grupos, das sociedades... Depois, bastava ouvir Erasure e usar uma borracha para apagar as maldades na nossa vida. Eu dizia isto aos outros, mas queria saber de mim mesmo, estava farto de sofrer e tinha de pôr um termo a isto, mais, enquanto fosse eu a sofrer não havia problema, mas a minha mãe...e o meu pai...eles não mereciam isto e sabia que haviam gente mal intencionada e não queria de modo algum se pai de todos em troca de uns livritos vendidos, de umas entrevistas na rádio, de umas menções em meios mais ou menos académicos. Basta! Disse eu naquela altura, além do mais, muitos passam, numa perspetiva comparativa, a vida sem fazer nada, sem sofrer nada, que espécie de relação há entre tudo isto? Não podemos mudar o nosso destino? EU acho que podemos, dada a experiência que a convicência com os outros nos proporciona. E o mundo está ficando violento e maluco, por diversas razões que se resumem a uma: muita gente anda pra aí que não tem estrambelhos na cabeça, pior, porque não sabe o que há-de fazer à vida, só fazem porcaria, nem sentido da sua própria finitude têm. É triste. Será cíclico? Por enquanto não me importa. Face ao sentimento em relação à minha mãe, uma velhinha, a mulher que me dera o ser, nada mais me importava no mundo, nem conquistar nem letras, académicas ou usuais, prosaicas e havia todo um sentimento de revolta para com o mundo pelo sofrimento que me tinha sido inflingido e a ela mesma. Não adiantava forçar, naquela noite arrumei o pequeno estúdio na Casinha do Jardim e coloquei-o devidamente acolhedor, essencialmente para me

sentir bem na actividade da escrita, Vim para Riachos porque queria ficar perto dela, sentimento que me fazia bem e davva paz, mais do que qualquer missa ou Igreja, mais do que qualquer medicina alternativa ou psicoterapia ou mesmo medicação. É fácil pedir a um pobre que seja religioso; para o manietar, o rico faz isso mesmo, fingindo-se Deus, o pobre já está enfraquecido e essa ideia de Deus enfraquece-o mais, torna-o controlável pelo rico. É a arma mais vil que se pode usar no controlo das pessoas e suas mentes. Mas há uma outra forma de adorar a Deus, tendo a religião como um trabalho pessoal e porventura um Deus pessoal, afinal há tantos deuses à escolha por essas civilizações e culturas adiante!... Sim, estav lendo "A Essência do Cristianismo", de Ludwin Fuerbach. A ideia da América trazia em mim e socialmente por mim uma certa ideia de justiça, a justiça que o meu povo nunca me teria feito dando um empre, e falo isto claramente em termos gerais sem receio, porque é disso mesmo que se trata, um sentimento de frustração que tem a ver com os encontrões que fui levando de um lado para o outro deste e daquele. Sabia que era forte e poderia suplantar tudo isso com o meu estudo e a minha escrita, a maior das armas, e de certo modo estava já conseguindo com essa idieia de América, uma ideia de estar vencendo qualquer coisa e sobretudo a mim próprio em todas a sminhas contradições. E ali estava eu, entre uma sandes de fiambre com maionese, numa terra que nada me dizia e tudo me dizia, não era uma terra nem francesa nem espanhola, era o lugar onde sempre havia vivido, onde permancera por mais tempo, onde tivera todas as minhas crise, psicológicas e de identidade, onde estavam os meus maiores amigos. Ainda, Por mais um dia, entre uma cervejinha sem álcool e os risos da pequena Matilda, o texto não me saía bem, mas eu continuava, não podia instalar-me na cama pois tanto tinha para fazer!...Tudo o que escrevia referia-se de algum modo a mim

mesmo, à angústia de pouco ter trabalhado, porque se assim fosse teria certamente um lar só meu, um nicho de felicidade e contentamento, um salário, um carro, direitos básicos que me foram negados quando frequentei antropologia e depois filosofia. Mas havia mais gente como eu e seria com esses que eu queria estar. Estava ali, naquele cantinho do lugar, os meus pais ainda dormiam, ouvir as canções da rádio local e fazia do estudo um contentamento, sempre com o amargo de boca de não ter quem amar, nos termos de uma mulher relativamente simpática e interessante, mas dali a poucas horas iria de novo para Lisboa, até com saudades deste lugar e de mais noites como esta, entregue à contemplação da cultura e ao cultivo do espírito, o que envolve sempre uma certa forma de constrangimento do corpo e da libido, do desejo, e entrega do espírito a coisas bem mais elevadas como a filosofia, mas estava chegando a termos de misturar a filosofia com o desejo, de encerrar esse capítulo definitivamente na minha vida, como se a minha vida fosse um palco com um pano que a fecha.

De alguma maneira, entre as mais diversas gerações, há um conflito entre o visível e o invisível, os construtores de casas e outros ofícios técnicos, materiais, e os usufruidores de palavras, atrevidos aos invisíveis, aos jogos mentais e intelectuais de interpretação da realidade, isto pode ver na relação com o meu pai, que Danny também fortemente experimenta, mas também na minha relação com o meu sobrinho, rápido a pensar e rápido a executar, talvez reflexo da própria fragilidade do mundo, do seu mundo e as argamassas estruturais de antes, antes do 25 de Abril, em tempo de imigração. Também será, em certa medida, uma questão de psicologia: os nossos avós e pai sofreram bastante, mas os miúdos que aí estão têm desafios bem maiores que nem quero imaginar, que compreendo por vezes e admiro a maior parte do tempo.

Depois, pensava no ensaio para a Sociedade Nacional de Filosofia que deixara a meio e se mais alguma vez iria pegar nesse texto, pensava noutro texto por começar, "O Purpose", sobre o propósito da vida humana, outro "Sobre a Finitude", entrevendo a necessidade de pensar um novo régimen de homem para estes tempos hipermodernos, entretanto e escrevi mais um guião, seria o terceiro naquele dia. A Filosofia dava-me paz, mas eu tardava em entregar-me a ela definitivamente, talvez nunca o viesse a fazer, talvez fosse mesmo casamento que nunca teria lugar... Depois pensava em Edna, em nós dois sentados no Rossio, perto do teatro Nacional Dona Maria, ela comendo uma fatia de pizza com vinho branco, eu um café e os homens do lado, três africanos, uma sardinhada e o espanto dela pela hora circunstanciada de estarem a comer tal prato naquela hora e depois, na passagem de ano, ter-me convidado para o B.Leza, uma badalada discoteca de então e a sua surpresa ante a minha hesitação, por ter sentido estranhos sentimentos e forças em termos na Kussondolala por estar no meio de tantos e tantas negras, enfim, coisas de branco, não tem nada de racismo, pois nesse aspecto eu era naquele tempo quase um especialista público, quer pela minha formação quanto pela minha atitude e, desde já, pela tese, em que defendia que o racismo é uma construção social segregatória e tem manifestações e raízes essencialmente económicas. Um pouco como a religião... Depois, decidi não me queixar mais, levar a minha cruz e até sentir-me abençoado por ter a Casa do jardim e a casa de Lisboa, em Moscavide, ter a oportunidade de viver neste mundo e o poder interpretar à minha maneira, poder almejar ainda dar aulas, discutir a tese, ir às Américas, fazer tanta e tanta coisa, afinal ainda tinha dois braços, duas pernas e dedos nelas (estar vivo é o contrário de estar morto), poder tocar neste piano de letras, andando de um lado para o outro, talvez um dia vir

a ser conhecido como escritor, aumentar a minha consideração em Lisboa, que isso fazia de certo modo bem ao meu Ego e ao de muita gente, entrever qualquer coisa no cinema, sem exagero, todo isso me era infinitamente permitido fazer e eu queria desistir de me queixar, ainda que a dor, fosse da injustiça fosse de algum clamor de outra orde, fosse insuportável, pois eu não queria uma vida de absoluto prazer, de exageros ou mesmo ainda de negações de mim, do meu desejo e da minha intelectualidade, de modo que me fui aventurando no meio termo das coisas, do consumo de comidas e bebidas e comecei a fazer de novo um certo exercício físico, pois o calor estava aí de novo rebentando. Calmamente, bebi uma cerveja na noite e ouvia o falecido cantor em "The Shadow of the Day". Era cinco da manhã...

Dali a pouco, andando de uma lado para o outro, descobri, no canto da sala, o manuscrito original de "Telescópio para um Estrela Cadente" e pensei em editá-lo de novo, havia tirado uma tiragem reduzida em 2002, creio, dez exemplares e só agora notava como era um texto razoavelmente conseguido, com uma ideia e um desenvolvimento originais. Em nome de uma aprazível e comprazível visão (certamente religiosa; espiritual, no mínimo), pensei que as críticas dos outros fossem para me melhorar, como se tivesse vocação para ser um Cristo. Mas um medo me atormentava, de não ser capaz, de dia após dia ser mais ou menos difícil sair de casa, cumprir o quotidiano, arranjar um ou outro trabalho (continuo à procura, aquele statement de há pouco era jocoso), porque só sentimos a vida a andar quando fazemos todos os dias aquilo que efectivamente fazemos, pensar assim filosoficamente, deixar para trás os limites e embarcar numa literatura de soltura, por assim, dizer, liberta de

tudo e todos, como se fosse a sua e a nossa função (pelo menos das nossas mãos) tirar todo o mal cá para fora, extirpar a sebe deaninha do Ser, como se fosse uma certa forma de exorcismo, que acontece nas grande vitórias do futebol. Como eu prevejo, como aliás com Jorge Palma, se é que me posso comparar a ele, estou cada vez mais velho e cada vez melhor...Arrumei mais três ou quatro livros já publicados para levar para a casa de Lisboa para ter o sentido de mim mesmo enquanto escritor mais ou menos apresentável. Aprontei dois sacos dem bibliografia paralevar no comboio, não podia mais ficar de pé, embora estivesse cansado, era difícil senão impossível ficar toda a noite inspirados. Eram cinco da manhã e fumava um Rothmans de mentol...

41

De repente tornei-me uma „caso de carocha“, ou carochina e João Ratão, para dizer melhor. Tanto que fizera para evitar isso! Mas as coisas que tinha e não tinha,

sobretudo bens materiais que tinha, apontavam para isso. A falta do mesmo afecto da minha irmã e da minha mãe aumentavam a premência de arranjar alguém e era cada pontada quando pensava que nem uma vida sexual em condições eu tinha!... Os livros continuavam no chão da sala, arrumados para fazerem parte de uma prateleira que iria comprar, o vale postal com a pensão não chegara naquele dia e eu tinha ainda assim, a sensação de que estava conduzindo as coisas o melhor que sabia, da melhor maneira possível , até, face a outros, que se desalinhavam facilmente, que perdiam a calma, que se matavam, que se metiam nas drogas, etc. Sabia que o interesse de tudo isto não era cair, mas levantar-se sempre que caia, insistindo, continuando a fazer algo do nosso agrado, pois a carreira do escritor joga-se com a sua reputação: se ele aguenta os golpes decerto que está preparado para ser famoso, para vir um dia a pertencer ao quadros dos autores mais ou menos livros, mais ou menos venerandos. E ainda que não seja famoso, terá pelo menos estado frente ao écran, terá pelo menos tentado...